



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**FRANCISCA JOCINEIDE DE ALENCAR SILVA**

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E A *GENTE* NA FALA DE FORTALEZA**

**FORTALEZA**  
**2020**

FRANCISCA JOCINEIDE DE ALENCAR SILVA

A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E A *GENTE* NA FALA DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Hebe Macedo de Carvalho.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S58v Silva, Francisca Jocineide de Alencar.  
A variação pronominal nós e a gente na fala de Fortaleza / Francisca Jocineide de Alencar Silva. – 2020.  
91 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.
1. Sociolinguística Variacionista. 2. Pronomes nós e a gente. 3. Fala de Fortaleza. I. Título.
- CDD 410
-

FRANCISCA JOCINEIDE DE ALENCAR SILVA

A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E A *GENTE* NA FALA DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 09/06/2020.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Hebe Macedo de Carvalho (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz  
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

A Deus.

Ao meu filho Josh de Alencar, presente de  
Deus e motivo da minha alegria.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, que se faz presente em cada nova jornada de minha vida.

Ao meu esposo e companheiro Jhon Hindaelles, que cuidou do nosso filho enquanto eu me dedicava ao mestrado. Sem você, eu não teria realizado o sonho de ser mestra.

À minha mãe Margarida de Alencar, que me ensinou a lutar pelos meus objetivos.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Hebe Macedo de Carvalho, pela valiosa orientação e por caminhar comigo durante a trajetória de dois anos do mestrado.

Aos membros da banca examinadora, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Elias Soares e a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz, pelas pertinentes considerações que engrandeceram a confecção final desta dissertação.

Aos Professores Doutores Leo Wetzels, Ricardo Leite, Valdecy Pontes e Mônica Cavalcante, pelos ensinamentos que ultrapassaram as barreiras da sala da universidade. A vocês, minha eterna admiração.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Valdirene Moreira, Rodrigo Estevam e Antônia Batista, pelo excelente trabalho prestado.

À zeladora da UFC, Raimunda Cleide Mendes Herculano, que com um jeito simples de ser conquistou a todos.

Aos dezoito entrevistados do *corpus* Dialetos Sociais Cearenses, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Ao meu mais novo e fiel amigo, José Lemos Monteiro, pela amizade sincera e verdadeira.

Aos amigos Evilásio do Nascimento, Lucineide Matos, Clealdo Pinto e Hugo Leonardo, pela amizade e companheirismo nos momentos bons e difíceis durante a jornada acadêmica. Vocês iluminaram o meu trilhar quando pensei em desistir no meio do caminho.

Aos doutorandos Lailton Moraes e Domingos de Sousa, por terem me auxiliado quando necessitei de material de estudo.

Aos meus colegas da turma de mestrado, pelo carinho com que sempre me trataram.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

“Marcas conduzem a marcas e zeros  
conduzem a zeros.” (NARO; SCHERRE,  
1993, p. 11).

## RESUMO

A Sociolinguística concebe a língua como um sistema ordenadamente heterogêneo, formado por regras estruturadas que estão sujeitas a variações e mudanças no espaço e no tempo, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. A presente pesquisa tem por fim descrever e analisar a variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito explícito no falar dos fortalezenses, à luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006) e Labov ([1972] 2008). Com isso, busca examinar a atuação dos fatores linguísticos *paralelismo formal*, *determinação do referente*, *tempo verbal/formas nominais* e *posição do sujeito em relação ao verbo* e sociais *sexo* e *faixa etária* sobre a escolha de uma ou outra forma pelos falantes do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (ARAGÃO; SOARES, 1996), um banco de dados coletado na década de 1980, entre os anos de 1987 e 1988. O *corpus* supracitado é formado de dados de língua falada, composto por 18 informantes selecionados de 11 bairros de Fortaleza, Ceará. Para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizado o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a fim de se constatar a frequência de uso e quais são os fatores independentes que se mostram estatisticamente relevantes para o fenômeno em estudo. Os resultados gerais desta pesquisa, cuja amostra é composta por 16 informantes, indicam que a forma *a gente* (69,4%) é mais utilizada do que o pronome *nós* (30,6%). Dentre as variáveis linguísticas selecionadas pelo programa estatístico, a *determinação do referente* mostrou-se a mais significativa na análise, seguida da variável *paralelismo formal*. Os resultados de Fortaleza apontam que o *a gente* é mais utilizado quando o referente é genérico, indeterminado, ao passo que o pronome *nós* é mais frequente em contextos específicos, determinados. Em se tratando da variável *paralelismo formal*, os resultados revelam que o fator que mais favorece a forma *a gente* é a *referência anterior feita por a gente*, ou seja, é maior a probabilidade de se usar *a gente* quando o antecedente formal for o mesmo. Já os tempos verbais/formais nominais *presente*, *pretérito imperfeito* e *infinitivo* favorecem a forma *a gente*, enquanto o *pretérito perfeito* favorece a presença da variante canônica *nós*. A variável *posição do sujeito em relação ao verbo* favorece mais a forma *a gente*. Quanto às variáveis sociais, os resultados demonstram que a faixa etária mais jovem e os homens utilizam com mais frequência a variante inovadora *a gente*.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Pronomes *nós* e *a gente*. Fala de Fortaleza.



## ABSTRACT

Sociolinguistics conceives language as an orderly heterogeneous system, formed by structured rules that are subject to variations and changes in space and time, conditioned by linguistic and extralinguistic factors. The present research aims to describe and analyze the pronominal variation *nós* and *a gente* in the role of explicit subject in the speech of Fortaleza, capital of the state of Ceará, in the light of the assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006) and Labov ([1972] 2008). With this, it seeks to examine the performance of linguistic factors *formal parallelism*, *determination of referent*, *verbal tense/ nominal forms* and the *subject's position in relation to the verb* and social *gender* and *age group* on the choice of one or another form by the speakers of the Projeto Dialetos Sociais Cearenses (“Social Dialects of Ceará Project”) (ARAGÃO; SOARES, 1996), a database collected in the 1980s, between the years 1987 and 1988. The aforementioned *corpus* consists of spoken language data, composed of 18 informants selected from 11 neighborhoods of Fortaleza. For the statistical treatment of the data, it uses the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), in order to verify the frequency of use and which are the independent factors that are statistically relevant to the phenomenon under study. The general results of this research, whose sample consists of 16 informants, indicate that the form *a gente* (69.4%) is more used than the pronoun *nós* (30.6%). Among the linguistic variables selected by the statistical program, the determination of the referent proved to be the most significant in the analysis, followed by the formal parallelism variable. The results of Fortaleza point out that *a gente* is more used when the referent is generic, indeterminate, whereas the pronoun *nós* is more frequent in specific, determined contexts. As for the formal parallelism, the results reveal that the factor that most favors the shape of *a gente* is the *previous reference made by ‘a gente’*, that is, the likelihood of using *a gente* is greater when the formal antecedent is the same. The verbal tenses/ nominal forms “present”, “past imperfect” and “infinitive” favor the form *a gente*, while the “perfect past tense” favors the presence of the canonical variant *nós*. The variable position of the subject in relation to the verb favors the form *a gente*. As for social variables, the results show that the younger age group and men use the innovative variant *a gente* more often.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics. Pronouns *nós* and *a gente*. Speech of Fortaleza.

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Perfil social dos informantes, de acordo com o <i>sexo</i> e a <i>idade</i> .....            | 45 |
| Quadro 2 – Número de informantes por célula social, segundo a <i>faixa etária</i> e o <i>sexo</i> ..... | 46 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 – Distribuição geral do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> e suas possíveis realizações .....     | 60 |
| Gráfico 2 – Frequência geral das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> sem os nocautes .....                   | 61 |
| Gráfico 3 – Atuação da <i>determinação do referente</i> no uso de <i>a gente</i> (em pesos relativos) ..... | 65 |
| Gráfico 4 – Influência do <i>paralelismo formal</i> no uso de <i>a gente</i> (em pesos relativos) .....     | 69 |
| Gráfico 5 – Percentual de ocorrência dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação ao <i>sexo</i> ... | 77 |
| Gráfico 6 – Frequência de uso das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à <i>faixa etária</i> ..... | 80 |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na posição de sujeito, segundo alguns estudos variacionistas já realizados sobre a variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> no português brasileiro ..... | 62 |
| Tabela 2 – Efeito da variável <i>determinação do referente</i> sobre o uso de <i>a gente</i> .....  | 64 |
| Tabela 3 – Atuação do <i>paralelismo formal</i> sobre o uso de <i>a gente</i> .....   | 69 |
| Tabela 4 – Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do <i>tempo verbal/formas nominais</i> ..  | 72 |
| Tabela 5 – O uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> e a <i>posição do sujeito em relação ao verbo</i> .....   | 74 |
| Tabela 6 – Uso de <i>a gente</i> em função do <i>sexo</i> .....   | 76 |
| Tabela 7 – Cruzamento dos grupos de fatores <i>sexo</i> e <i>faixa etária</i> no uso variável da forma <i>a gente</i> .....   | 78 |
| Tabela 8 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> : <i>faixa etária</i> .....   | 80 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|     |                            |
|-----|----------------------------|
| DSC | Dialetos Sociais Cearenses |
| FI  | Faixa etária I             |
| FII | Faixa etária II            |
| GT  | Gramática Tradicional      |
| LNE | Locução Nominal Especial   |
| LNI | Locução Nominal Invariável |
| LNP | Locução Nominal Plena      |
| Oc. | Ocorrências                |
| PB  | Português Brasileiro       |
| PR  | Peso Relativo              |
| SN  | Sintagma Nominal           |
| WLH | Weinreich, Labov e Herzog  |

## SUMÁRIO

|              |  |    |
|--------------|--|----|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 14 |
| <b>2</b>     | <b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....  | 18 |
| <b>2.1</b>   | <b>Sociolinguística variacionista: a variação e a mudança linguística</b> .....                | 18 |
| <b>2.2</b>   | <b>Breves palavras sobre a definição tradicional de pronome</b> .....                          | 22 |
| <b>2.3</b>   | <b>A gramaticalização de <i>a gente</i></b> .....  | 24 |
| <b>2.4</b>   | <b>O uso das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> na função de sujeito</b> .....                 | 29 |
| <b>3</b>     | <b>METODOLOGIA</b> .....   | 43 |
| <b>3.1</b>   | <b>A amostra estudada</b> .....  | 43 |
| <b>3.2</b>   | <b>Procedimentos de coleta e análise dos dados</b> .....                                       | 46 |
| <b>3.3</b>   | <b>As variáveis linguísticas e sociais</b> .....   | 47 |
| <b>3.3.1</b> | <i>Paralelismo formal</i> .....  | 47 |
| <b>3.3.2</b> | <i>Determinação do referente</i> .....   | 49 |
| <b>3.3.3</b> | <i>Tempo verbal/formas nominais</i> .....  | 51 |
| <b>3.3.4</b> | <i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i> .....  | 52 |
| <b>3.3.5</b> | <i>Sexo</i> .....  | 53 |
| <b>3.3.6</b> | <i>Faixa etária</i> .....  | 55 |
| <b>3.4</b>   | <b>Dados desconsiderados</b> .....   | 56 |
| <b>3.5</b>   | <b>O programa estatístico GoldVarb X</b> .....   | 56 |
| <b>3.6</b>   | <b>O envelope de variação</b> .....  | 57 |
| <b>3.7</b>   | <b>A variável dependente</b> .....   | 57 |
| <b>3.8</b>   | <b>As variáveis independentes</b> .....  | 58 |
| <b>4</b>     | <b>ANÁLISE DOS DADOS DE FORTALEZA</b> .....  | 59 |
| <b>4.1</b>   | <b>A distribuição geral das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> no falar de Fortaleza</b> ..... | 59 |
| <b>4.2</b>   | <b>As variáveis linguísticas e sociais selecionadas</b> .....                                  | 63 |
| <b>4.2.1</b> | <i>Determinação do referente</i> .....   | 64 |
| <b>4.2.2</b> | <i>Paralelismo formal</i> .....  | 68 |
| <b>4.2.3</b> | <i>Tempos verbais/formas nominais</i> .....  | 70 |
| <b>4.2.4</b> | <i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i> .....  | 73 |
| <b>4.3</b>   | <b>As variáveis sociais</b> .....  | 75 |
| <b>4.3.1</b> | <i>A variável sexo</i> .....   | 75 |
| <b>4.3.2</b> | <i>A variável faixa etária</i> .....   | 79 |

|          |                          |           |
|----------|--------------------------|-----------|
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>83</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b> | <b>86</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A alternância das formas pronominais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* é de uso bastante comum no português brasileiro. Entretanto, a Gramática Tradicional (doravante GT), oriunda de uma tradição clássica greco-romana, raramente explica ou apresenta fenômenos já consagrados na linguagem coloquial, como é o caso da inserção da forma *a gente* no quadro pronominal. A variação entre essas duas formas vem sendo estudada nos últimos anos por diversos pesquisadores (OMENA, 1986, 1996; LOPES, 1993, 1998, 2003; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002, 2010; SILVA, 2004; BORGES, 2004; FERNANDES, 2004; VIANNA, 2006; MENDES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; FRANCESCHINI, 2009, 2011; MENDONÇA, 2012; MATTOS, 2013; NASCIMENTO, 2013; ARAÚJO, 2016; CARVALHO; FAVACHO; FREITAS, 2020, entre outros), que confirmam a coexistência entre *nós* e *a gente*. A fim de verificar se a mesma variação poderia ser observada em nosso *corpus*, resolvemos descrever e analisar a variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito explícito no falar dos fortalezenses.

Nesse sentido, a presente pesquisa está inserida na área de estudos da Sociolinguística Variacionista, cuja principal preocupação é com a variação e a mudança linguística no contexto social da comunidade de fala, que ocorrem segundo o meio social no qual o indivíduo está inserido, havendo, dessa forma, uma relação indissociável entre língua e sociedade. Assim, a língua é vista como uma instituição social que depende do contexto e da situação na qual se realiza.

Labov (1972) defende a ideia de que a diversidade da língua pode ser estudada sincrônica e diacronicamente, em que são considerados os fatores linguísticos, sociais e culturais que podem exercer papel relevante na produção linguística, especialmente o fator social, já que a língua constitui um sistema heterogêneo que está em um processo de constante mudança, ocasionada pela estreita relação entre homem e sociedade, o que ocasiona a variação e a mudança linguística.

Os fenômenos de variação e mudança envolvendo os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* são largamente investigados na língua portuguesa do Brasil, tanto em dados de língua oral (LOPES, 1993; OMENA, 1996; SILVA, 2004; NASCIMENTO, 2013; ARAÚJO, 2016), quanto na escrita (VIANNA, 2006; BRUSTOLIN, 2009, entre outros). Todas essas pesquisas apontam para um aumento no uso de *a gente* em detrimento do uso de *nós*. A partir da observação desse uso frequente, decidimos investigar os fenômenos de variação e mudança envolvendo a alternância no uso dos pronomes *nós* e *a gente*,



representando a primeira pessoa do plural, entre falantes do português falado em Fortaleza, Ceará, e quais são os fatores linguísticos e sociais que favorecem a escolha de uma ou outra forma pelos falantes do Projeto Dialetos Sociais Cearenses - DSC (ARAGÃO; SOARES, 1996), um banco de dados coletado na década de 1980, entre os anos de 1987 e 1988.

Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) e Labov ([1972] 2008), que estabelecem uma relação entre os fatores de natureza social e linguística, descrevendo como uma determinada variante estaria se difundindo entre os diversos segmentos sociais, ou seja, a variação e a mudança são inerentes às línguas.

Apesar de a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito ter sido amplamente estudada em diversas variedades do português brasileiro, como demonstram Vianna e Lopes (2015) em um mapeamento dos estudos sobre esse fenômeno no português do Brasil por região, existem ainda comunidades pouco exploradas quanto ao tema. A capital do Ceará, Fortaleza, por exemplo, conta com dois estudos com dados de fala de falantes fortalezenses: um com dados da norma culta oral dos anos 1990, o Relatório PIBIC 2018/2019<sup>1</sup> (CARVALHO; FREITAS, 2019), e outro com dados da fala popular dos anos 2000 (ARAÚJO, 2016).

Assim sendo, nosso estudo veio se juntar a esses dois trabalhos sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* na fala de Fortaleza. Com este estudo pretendemos descrever e analisar as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de Fortaleza com dados dos anos 1980, a fim de averiguar o percentual de uso dessas variantes e os grupos de fatores que favorecem a realização de cada uma delas. Intentamos ainda contribuir modestamente para o mapeamento linguístico acerca desse fenômeno no português do Brasil.

Ao se tratar de variação e mudança linguística, geralmente vem à tona um tema bastante discutido pela Sociolinguística, que é o preconceito linguístico, tão frequentemente relacionado às formas mais recentes da língua. No caso específico da forma inovadora *a gente*, estudos de avaliação têm demonstrado que essa forma não é tão estigmatizada, sendo que o estigma social acontece pela ausência de concordância verbal, como na construção “*a gente vamos*”. Observado isso, a análise da variação do uso das variantes aqui estudadas contribuirá para o esclarecimento de que a variação e a mudança são processos naturais da língua, seja ela falada ou escrita, e que utilizar as formas inovadoras não constitui erro, mas assinala o fato de que a língua é heterogênea e está em constante processo de mudança.

---

<sup>1</sup> Os resultados do Relatório PIBIC 2018/2019 não foram publicados ainda, mas constam do relatório que as autoras enviaram para a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará.

Dito isso, propomos uma abordagem sincrônica dos fenômenos da variação das variantes *nós* e *a gente*. Esta pesquisa sincrônica se faz necessária por considerar que os dados coletados em outras pesquisas sobre o assunto (OMENA, 1996; LOPES, 1998; SILVA, 2004; NASCIMENTO, 2013; ARAÚJO, 2016, entre outros) não podem ser vistos como absolutos, uma vez que o processo de construção do conhecimento científico é algo que sempre se renova. Nesse sentido, nossa pesquisa contribui, embora de forma modesta, para a descrição e a composição do mosaico linguístico que é o português brasileiro, uma vez que os resultados deste estudo confirmam tendências linguísticas e extralinguísticas obtidas em trabalhos com outros *corpora*.

O objetivo central deste trabalho é investigar a alternância no uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito explícito a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Sociolinguística Variacionista e analisar os contextos linguísticos e sociais que condicionam o uso dessas formas no falar de Fortaleza.

Os objetivos específicos são os seguintes: a) analisar a frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito explícito na amostra estudada; b) investigar se os contextos linguísticos *paralelismo formal*, *determinação do referente*, *tempo verbal/formas nominais* e *posição do sujeito em relação ao verbo* são favorecedores para o uso das formas *nós* e *a gente* no falar de Fortaleza em uma sincronia dos anos 1980; c) averiguar a influência das variáveis sociais *sexo* e *faixa etária* sobre a escolha das formas pronominais *nós* e *a gente* na representação da primeira pessoa do plural.

As hipóteses norteadoras desta pesquisa são as seguintes:

- 1) Há variação das formas pronominais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na função de sujeito explícito em nossa amostra da fala de Fortaleza, e tal variação é condicionada pelos fatores linguísticos e extralinguísticos aqui estudados;
- 2) Os falantes das faixas etárias mais jovens privilegiam o uso da forma inovadora *a gente*;
- 3) As mulheres utilizam mais *a gente* do que os homens.

Outras hipóteses relacionadas aos fatores linguísticos são levantadas e analisadas no decorrer da pesquisa, a saber:

- 1) O uso de *a gente* é maior em contextos com paralelismo, ou seja, em situações em que a primeira referência é *a gente* e a referência seguinte repete a forma já mencionada anteriormente;
- 2) A forma *a gente* é preferida pelo falante de Fortaleza para uma referência mais genérica e indeterminada;

3) O Presente e o Pretérito Imperfeito favorecem o uso de *a gente*, ao passo que o Pretérito Perfeito e o Futuro impulsionam o uso do pronome canônico *nós*;

4) A variante *a gente* é mais frequente na posição anteposta ao verbo, semelhantemente ao que ocorre com os pronomes no português atual.

O presente estudo está estruturado em cinco seções. A primeira trata-se desta introdução, em que apresentamos o nosso objeto de estudo e explicitamos as hipóteses, os objetivos, as motivações e as justificativas deste trabalho. Na seção 2, tem-se a revisão de estudos sobre a variação *nós* e *a gente* e é apresentado o arcabouço teórico que fundamentou nossa pesquisa, a saber: a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006) e Labov ([1972] 2008). Abordamos ainda a concepção tradicional de pronome e discutimos o fenômeno de gramaticalização da forma *a gente*. Na seção 3, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa e tratamos das variáveis linguísticas e sociais. A seção 4 apresenta a análise dos resultados obtidos em nosso estudo. Por fim, a seção 5 traz a “conclusão” do trabalho.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta seção tem o objetivo de apresentar os estudos que fundamentaram nossa pesquisa. Inicialmente, apresentamos os pressupostos fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006) e Labov ([1972] 2008), aos quais se vinculam a presente investigação. Em seguida, tratamos, em breves palavras, da definição tradicional de pronome e discutimos o processo de gramaticalização de *a gente*. Finalizamos a seção com a apresentação de abordagens acerca de *nós* e *a gente* no português do Brasil.

### 2.1 Sociolinguística variacionista: a variação e a mudança linguística

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, tendo como objeto de estudo a língua falada em situações reais de uso, dando especial atenção aos aspectos sociais para melhor compreender a estrutura das línguas e o seu funcionamento. Inaugurada na década de 1960 por William Labov, a Sociolinguística surge como um novo olhar sobre a estrutura da língua e, especialmente, sobre os fenômenos da variação e da mudança linguística.

A partir desse novo modelo de pesquisa empírica, a língua assume o *status* de objeto possuidor de heterogeneidade sistemática, diferentemente do que postulavam Saussure e Chomsky, que concebiam as línguas como sistemas homogêneos, autônomos e estáticos. Assim, a Sociolinguística assume que toda língua falada apresenta variações sistemáticas decorrentes da heterogeneidade estruturada da língua. Portanto, não se trata de um caos linguístico. A língua é um sistema heterogêneo que comporta tanto regras categóricas quanto regras variáveis.

Sobre o surgimento da Sociolinguística, Lucchesi (2012, p. 793) destaca:

A sociolinguística surge como uma resposta à incapacidade do formalismo linguístico em tratar da questão da mudança. Para construir o objeto de estudo da Linguística Moderna, Saussure retirou a língua do seu devir histórico. Definindo a análise estrutural como exclusivamente sincrônica, o modelo saussuriano tornou-se incapaz de lidar com a questão da mudança.

A visão da língua como um sistema linguístico eminentemente heterogêneo e variável leva a Sociolinguística a eleger a *comunidade de fala* como seu *locus* para o estudo da variação e mudança linguística, buscando estabelecer uma relação entre os traços linguísticos que um grupo de falantes compartilha e os fatores linguísticos e extralinguísticos

que estariam envolvidos na variação e na mudança dentro dessa comunidade de fala. Acerca do conceito de comunidade de fala, Labov (1972, p. 120-121) afirma:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso.

Para a Sociolinguística, a língua varia e essa variação não compromete o funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de os falantes se comunicarem. Isso é perceptível quando dois ou mais indivíduos, que compartilham o mesmo sistema linguístico, falam de maneiras diferentes, mas se entendem perfeitamente. Daí depreende-se que a língua é heterogênea, uma vez que ela passa por constantes mudanças, embora muitas das quais não sejam percebidas pelos falantes. Sobre a heterogeneidade da língua, Mollica (2004, p. 9) observa:

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

As formas distintas a que a autora se refere dizem respeito aos fatores linguísticos que condicionam a escolha do falante entre uma ou outra variante. Tais fatores são de ordem linguística (variação lexical, fonológica, morfológica, sintática, discursiva e pragmática) e extralinguística (sexo, gênero, grau de escolaridade e faixa etária).

Uma importante distinção é feita, a fim de se esclarecer as noções de variável e variante. A variável compreende o fenômeno em variação ou o grupo de fatores que condicionam essa variação. Já a variante é a forma linguística alternativa, ou seja, são as formas individuais que variam naquela variável. Em nosso estudo, observa-se um fenômeno variável, cujas variantes de primeira pessoa do plural seriam as formas *nós* e *a gente*. A variante conservadora *nós* é considerada pela Gramática Normativa como sendo a variante padrão, a de maior prestígio. Por sua vez, a forma inovadora *a gente* é a variante não padrão. No entanto, observa-se que a expressão *a gente* está cada vez mais sendo usada em contextos nos quais predominava exclusivamente a variante *nós*.

Sobre a distinção entre a variante padrão e a não padrão, Tarallo (1990) destaca que:

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por

outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 1990, p. 12).

Sendo assim, a variante conservadora corresponde à forma que se encontra há mais tempo na língua, ao passo que a inovadora diz respeito às formas mais recentes, emergentes, que muitas vezes é estigmatizada.

Neste estudo, trataremos da Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa e Teoria da Variação e Mudança Linguística. De acordo com Tarallo (1990), o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista foi iniciado por William Labov, cujo modelo de análise se apresenta como uma reação ao fato de os linguistas gerativistas terem excluído da análise linguística o componente social.

Os estudos sobre variação e mudança linguística remetem de imediato a Labov, uma vez que foi a partir de sua primeira pesquisa sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, realizada na ilha de *Martha's Vineyard*, em 1963, no Estado de Massachusetts (EUA), que a teoria e a metodologia da sociolinguística variacionista se desenvolveram. Labov (1963)<sup>2</sup>, no intuito de investigar o inglês falado naquela ilha, constatou, por meio da Teoria da Variação e com a utilização de um método teórico-metodológico inédito, o papel crucial dos fatores sociais na variação linguística. A análise concluiu que a variante local conservadora, não padrão e estigmatizada era a forma favorecida pelos falantes que se manifestavam positivamente em relação à ilha; os que possuíam um sentimento negativo ao local de origem preferiam a pronúncia do inglês padrão, trazida pelos veranistas invasores da ilha.

Tomando por base o estudo de Labov (1963), Tarallo (1990) pontua que a função da língua vai muito além de possibilitar a simples comunicação entre os falantes de uma comunidade de fala, já que também tem papel preponderante na identificação de grupos e demarcação de diferenças sociais. De acordo com o autor:

É evidente que a centralização do ditongo em *Martha's Vineyard* é somente um dos traços linguísticos que definem a língua falada na ilha. Os exemplos relatados sugerem, portanto, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade. (TARALLO, 1990, p. 14).

Com isso, Labov (1963) comprovou que a língua é inerentemente variável e está intrinsecamente relacionada ao fator social e por este é determinada. Sendo que as mudanças

---

<sup>2</sup> A pesquisa *The social motivation of a sound change* (1963), que trata da centralização de ditongos na ilha de *Martha's Vineyard*, foi publicada no capítulo 1 de **Sociolinguistic Patterns** (1972), livro traduzido para o Português e publicado pela Editora Parábola, em 2008, sob o título Padrões Sociolinguísticos.

na língua são o resultado de um longo processo histórico, os estudos sociolinguísticos fornecem evidências do caráter heterogêneo da linguagem e demonstram que a ocorrência de variação é sistemática, regular e ordenada.

A partir da concepção de que a língua é dotada de heterogeneidade ordenada, o que pode ser observado tanto na sincronia quanto na diacronia, surgiu uma nova teoria da mudança que lança os fundamentos empíricos para a teoria da variação e mudança linguística, desenvolvida por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH), em 1968. Conforme destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36):

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. (...) Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

É importante destacar que a variação não implica mudança, porém toda mudança linguística pressupõe variação. Os processos de mudança não são simples. Pelo contrário, eles são complexos, embora a regularidade seja uma das características da mudança, mas essa regularidade se apresenta relativizada.

A teoria da mudança linguística proposta por WLH procura analisar como a língua de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo sem que as pessoas tenham problemas de comunicação. E como toda mudança pressupõe variação, tornou-se de fundamental importância o estabelecimento de um método sociolinguístico para analisar as relações entre o componente social e a variação linguística.

Baseado nos postulados de WLH (2006), Lucchesi (2012) define de forma clara e objetiva as bases do Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista:

(I) A língua funciona enquanto muda; (II) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada; (III) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis; (IV) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança); (V) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua; (VI) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua. (LUCCHESI, 2012, p. 794).

A heterogeneidade linguística passa a ser considerada a partir da noção que se fundamenta na existência de duas ou mais formas variantes em concorrência em um mesmo contexto de uso, como as variantes *nós* e *a gente*. A escolha do falante por um desses

pronomes durante o ato de fala para dizer a mesma coisa pode ser influenciada por um grande número de fatores, sejam eles de ordem linguística ou extralinguística.

Para medir se uma determinada variante é mais favorável ou desfavorável no que se refere ao seu uso numa comunidade de fala, deve ser definida a natureza e a extensão de cada um dos fatores linguísticos e sociais condicionadores. Tanto as variáveis linguísticas quanto as variáveis sociais tornam-se, então, fundamentais para o estabelecimento das tendências que condicionam o uso de uma variante em detrimento de outra. Dentre as variáveis sociais, a faixa etária, o sexo, a escolaridade e outros aspectos sociais mostram-se significativos no estudo da variação e mudança linguística.

## **2.2 Breves palavras sobre a definição tradicional de pronome**

Em sua crítica aos conceitos da Gramática Tradicional, Bagno (1999) atenta para o fato de que tais conceitos continuam a ser repassados ao longo dos anos de forma quase imutável, como se o tempo fosse algo imóvel, deixando de lado, dessa forma, as transformações pelas quais passaram as línguas no decorrer do tempo. No entanto, o que se observa na GT são regras e preceitos repassados por lacunas e incoerências em seus conceitos, sem correspondência com a realidade.

O mesmo pensamento subjaz na obra de Monteiro (1994), que, ao falar sobre a definição tradicional de pronome, afirma que o conceito de tal vocábulo trazido pela GT nunca foi descrito de maneira coerente, uma vez que nem todos os pronomes funcionam como substitutos, tampouco os que exercem essa função substituem nomes, e há ainda as chamadas “expressões substitutivas que não se classificam necessariamente como pronomes” (p. 29). O autor vai além e reitera que a característica que a Gramática Tradicional reservou aos pronomes, a da substituição, evidencia algo bastante problemático e complexo, trazendo prejuízos à descrição gramatical e inibindo a percepção da verdadeira natureza dos pronomes. Em síntese, Monteiro (1994) não nega que os pronomes pessoais têm a função de substituição, mas ela não é a única ou sequer a principal.

Monteiro (1994), além de questionar a definição do vocábulo *pronome* trazida pela GT, chama a atenção para a noção de pessoalidade, que está relacionada indevidamente a três elementos do ato discursivo: o falante, o ouvinte e alguém ou algo a que se faz referência, quando essa noção, segundo o autor, deveria aplicar-se somente ao falante e ao ouvinte. Nesse tocante, o autor menciona Lyons (1968, p. 291-2; 1977a, p. 638 *apud* MONTEIRO, 1994, p. 33-34), no intuito de evidenciar ainda mais que a descrição do quadro pronominal nunca foi



descrita de forma coerente e satisfatória:

- a) o falante e o ouvinte se encontram obrigatoriamente presentes na situação, ao passo que outras pessoas e coisas a que se faz referência podem não só estar ausentes mas até deixar de ser identificadas;
- b) os pronomes de primeira e segunda pessoas são necessariamente *definidos*, enquanto os de terceira podem também ser *indefinidos*;
- c) *eu* e *tu* se referem sempre a seres humanos; os pronomes de terceira pessoa nem sempre possuem este traço, já que constantemente se reportam a animais ou coisas;
- d) enquanto a primeira e a segunda pessoa são os membros positivos da categoria de pessoa, a terceira é uma noção essencialmente negativa, uma vez que não se refere aos participantes da situação do enunciado.

Outro aspecto enfatizado por Monteiro (1994) diz respeito a uma profunda reestruturação que tem sofrido a morfologia verbal da Língua Portuguesa ao longo dos anos, em decorrência da neutralização de seu paradigma verbal proporcionado pelas modificações no quadro das pessoas gramaticais, como a substituição já consolidada, por exemplo, de *vós* por *você(s)*, e a mudança ainda a impor-se no sistema dos pronomes pessoais, tal o caso da substituição de *nós* por *a gente*, o que acarretou a simplificação do esquema de conjugação, que pode ser assim exemplificado: *eu amava/ você amava/ ele amava/ a gente amava/ nós amávamos/ vocês amavam/ eles amavam*. Com a neutralização, os pronomes pessoais se tornaram cada vez menos redundantes, cabendo apenas a eles a indicação da categoria de pessoa.

Monteiro (1994) entende que a criação do pronome *você* foi um passo decisivo para os demais ajustes no sistema pronominal, que mais tarde culminou no surgimento do pronome *a gente*, em concorrência e coocorrência com o pronome *nós*, para designar a primeira pessoa do plural. O pronome *você*, repetimos Monteiro (1994), ocupa não somente a lacuna deixada pelo pronome *vós*, mas ameaça a existência de *tu*, uma vez que seu uso se generaliza no Brasil como expressão de tratamento de intimidade.

Com relação à categoria de número, lembra-nos Monteiro (1994, p. 37) que “nossas gramáticas associam à noção de número a categoria de pessoa e ensinam, entre outras coisas, que *nós* é o plural de *eu*”. Mais adiante, o autor repete uma observação de Lyons (1968 *apud* MONTEIRO, 1994), segundo a qual o pronome *nós* deve ser interpretado como *eu*, na medida em que esse *eu* vem somado a uma ou mais pessoas, estando o ouvinte incluído ou não entre elas. Portanto, *nós* não é plural de *eu*, pois sempre inclui uma referência ao *eu* e é plural.

Benveniste (1995, p. 256) critica a descrição da categoria de pessoa e número dos pronomes pessoais, quando menciona que “se não pode haver vários ‘eu’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é porque ‘nós’ não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma

junção entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não-eu’”.

Com o mesmo fito, Possenti (2011) defende uma posição diferente da postulada pela gramática normativa, ao afirmar que *nós* não é simplesmente o plural de *eu* e *tu*, ou seja, *nós* não é uma soma de *eu + eu*, e sim de *eu + tu* ou de *eu + ele/s* ou ainda de *eu + tu + ele/s*. Em suma, *nós* é realmente plural, mas nesse aspecto não se correlaciona morfológica e sintaticamente com *eu*.

No que se refere aos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, as gramáticas trazem uma visão tradicional e equivocada desses vocábulos, ao considerar que o plural de *eu* é *nós* e o pronome inovador *a gente*, por sua vez, nem aparece no quadro de pronomes pessoais, sendo considerado uma forma inculta e informal. Sabe-se, porém, que essa expressão já se consolidou no dia a dia dos falantes, passando a desempenhar a mesma função de pronome pessoal de primeira pessoa do plural, em concorrência com o pronome canônico *nós*.

Na prática, a substituição de *nós* por *a gente* está se efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não cultos. Tal processo ocorre tanto na oralidade, quanto em textos escritos, em que se observa o uso cada vez maior do pronome inovador *a gente* em detrimento do uso da forma conservadora *nós*.

### 2.3 A gramaticalização de *a gente*

De acordo com Faraco e Moura (2000), a variante *nós* é pronome sujeito que designa a primeira pessoa do plural e representa quem fala – de quem parte o discurso. O pronome pessoal *a gente*, no português brasileiro, tem a mesma função do pronome pessoal *nós*, conforme resultados encontrados em algumas pesquisas sobre a variação *nós* e *a gente*, como os estudos de Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004) e tantos outros trabalhos que discutem a mesma temática, os quais serão estudados com mais profundidade mais à frente. Todos esses trabalhos demonstram que existe uma forte concorrência entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente* no que se refere à expressão da primeira pessoa do plural, em que o uso da forma *a gente* no lugar de *nós* configura um processo de mudança linguística lenta e gradual durante o qual coexistem o novo e o velho, até que o uso da forma inovadora suplante o uso da forma mais antiga e se torne categórico.

Para a forma *a gente* concorrer com o pronome *nós* para representar a primeira pessoa do plural, o item inovador *a gente* passou por um processo denominado *gramaticalização*. Meillet ([1912] 1965), ao tratar da gramaticalização sob uma perspectiva

diacrônica, concebe a gramaticalização como um processo de mudança categorial, ou seja, um elemento lexical transforma-se em elemento gramatical. Dessa forma, a gramaticalização é um processo linguisticamente motivado e se encontra plenamente encaixado no sistema linguístico.

Hopper (1991) propõe cinco princípios que possibilitam identificar os vários graus do processo de gramaticalização de itens linguísticos, como a forma *a gente*: *layering*, *divergence*, *specialization*, *persistence* e *de-categorialization*.

O princípio da *estratificação* (*layering*), segundo Hopper (1991), manifesta-se dentro de um amplo domínio funcional, em que novas “camadas” estão continuamente emergindo. Dessa forma, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, passando a coexistir e a interagir com as novas. Um exemplo dessa coexistência é a variação entre *nós* e *a gente*, que evidencia a convivência entre o novo e o velho, sem que haja o descarte imediato da forma mais antiga. Sobre esse princípio, Tamanine (2010, p. 73) destaca:

O princípio postula a coexistência entre o novo e o velho em um domínio funcional amplo. Não há o descarte imediato da forma mais antiga em detrimento da forma emergente, mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que configurariam uma fase de convivência entre as duas estratégias.

De acordo com o princípio da *divergência* (*divergence*), um item lexical em gramaticalização pode se manter autônomo e conservar suas propriedades originais, sem, no entanto, deixar de sofrer outros processos de mudança ou até mesmo sofrer um novo processo de gramaticalização. O princípio da divergência refere-se a formas que, embora tenham uma etimologia comum, são funcionalmente divergentes. Um exemplo desse princípio é o caso de *gente* (nome) e *a gente* (pronome), em que a forma lexical original convive autonomamente com a forma gramaticalizada, ainda que apresentem funções distintas.

A *especialização* (*specialization*), terceiro princípio proposto por Hopper (1991), relaciona-se ao estreitamento das opções, que ocorre quando um item em gramaticalização deixa de ser uma escolha a mais na língua e se torna, em alguns contextos linguísticos, uma forma progressivamente obrigatória. No PB, um caso clássico de especialização é o *vossa mercê* > *você*, segundo o qual *você* deixou de ser uma opção e passou paulatinamente a ocorrer em contextos linguísticos específicos e diferentes dos contextos favorecedores da forma original, eliminando, neste caso, a competição entre as formas e, por conseguinte, ocorreu a eliminação da forma original.

O quarto princípio, o da *persistência* (*persistence*), diz respeito à manutenção de alguns traços do significado lexical original na forma gramaticalizada, o que implica dizer que

uma forma em gramaticalização, ao passar de uma função lexical para uma função gramatical, contanto que isso seja gramaticalmente viável, alguns indícios do significado original da forma antiga permanecem na nova forma gramatical. No caso da gramaticalização de *gente* (nome) > *a gente* (pronome), algumas propriedades lexicais do nome *gente* foram conservadas na forma gramaticalizada, por exemplo, o traço de concordância com a terceira pessoa e a interpretação semântico-discursiva pluralizada que aciona uma representação indeterminada e genérica, embora o verbo permaneça formalmente na 1ª pessoa do singular.

O quinto e último princípio apresentado por Hopper (1991) é o da *de categorização* (*de-categorialization*), que remete à perda gradual ou à neutralidade, por parte da forma em gramaticalização, dos traços de categorialidade (marcas morfológicas, por exemplo) em relação à categoria de origem (nome) e passa a assumir outros de categorias secundárias, tais como pronomes, preposições, advérbios, entre outros.

Em seu processo de gramaticalização, a forma *a gente* assumiu características tipicamente pronominais, como a capacidade de se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas (*a gente está suja/ a gente está sujo*). Um outro aspecto que a forma *a gente* assumiu com a gramaticalização foi o de não poder ser determinado no sintagma nominal, ocorrendo preferencialmente isolado no SN (*a gente fugiu*). Para Lopes (2004, p. 65), “a possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade”.

No português brasileiro, os processos que envolvem a gramaticalização da expressão *a gente* podem ser observados, dentre outros estudos, em Menon (1995, 1996), Lopes (2004) e Borges (2004).

No intuito de explicar melhor como o processo de gramaticalização da forma *a gente* se deu, partiremos inicialmente para a origem de *a gente*, que atualmente é usada em função pronominal e tem sua origem na expressão nominal latina *gens*, usada para designar referentes genéricos e indeterminados, conforme atesta Menon:

No latim, *gens*, *gentis* possuía vários significados [...]: ‘raça, estirpe, linhagem, família; raça de povo, povo (em ordem decrescente: gente, nação, cidade); o povo de uma cidade; país, região, lugar; pl. *gentes* ‘bárbaros’; gênero: a raça humana, o gênero humano’. (GAFFIOT, 1934, p. 708 *apud* MENON, 1996, p. 624).

Ao estudar o processo de gramaticalização da forma *a gente*, Menon (1996) adota como referência teórica a noção de gramaticalização desenvolvida por Hopper e Traugott (1993) e Reighard (1978). Conforme citado por Menon (1996), esses dois autores usam o

*nível item lexical* como ponto de partida para explicar o fenômeno da gramaticalização, apesar de admitirem que a gramaticalização possa ocorrer em níveis superiores ao do item lexical. No entanto, Menon (1996, p. 624) estuda diacronicamente a forma *a gente* no nível acima dos vocábulos, “na estrutura dos constituintes: o da *locução* (ou sintagma) *nominal*”. Para tanto, a autora dividiu o processo de gramaticalização da forma *a gente* em fases (MENON, 1995, 1996).

Na primeira fase, *a gente* funciona como uma locução nominal plena (LNP), podendo “constituir locução nominal expandida, à direita e à esquerda” (MENON, 1996, p. 626). Nessa fase, o substantivo *gente* é autônomo, podendo compor qualquer locução nominal, ser precedido de artigos, demonstrativos, numerais, possessivos, sofrer flexão de número e concordância de predicativo.

Na segunda fase, *a gente* forma uma locução nominal especial (LNE) e passa a ser acompanhada pelo artigo definido “a”, podendo ser usada no singular e no plural. É nessa fase que o substantivo *gente* e a locução nominal *a gente* passam a ter significados diferentes. A forma *a gente* passa a assumir uma função diferente daquela pertencente à forma antiga. O substantivo *gente* permanece como um elemento lexical autônomo, enquanto *a gente* assume uma nova função.

A fase seguinte marca o momento em que, conforme a autora, a LNE perdeu a capacidade de flexão de número e *a gente* se especializou, passando a funcionar como uma locução nominal invariável (LNI) e sendo empregada como uma das formas de indeterminação do sujeito, o que a transformou em um pronome indefinido devido ao seu caráter de indeterminação. Na fase LNI, *a gente* manteve os traços semânticos do seu significado original de coletividade proveniente do substantivo *gente*. Assim, *a gente* passa a pronome, sendo utilizado como uma das formas de indeterminação do sujeito, com a concordância no masculino, e assume as características dos outros pronomes pessoais, incluindo-se no português brasileiro como pronome pessoal de primeira pessoa do plural, ao lado da forma antiga *nós*.

Corroborando o que afirma Menon (1996) sobre as especificidades formais e semânticas da expressão *a gente*, Lopes (2004) observa que o processo de mudança pelo qual passou a forma *a gente*, apesar de apresentar traços tipicamente pronominais, ainda preserva características de sua origem lexical, o que é colocado claramente pela autora em seu artigo sobre a gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração:

Nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. A forma

gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um ‘falante + alguém’. (LOPES, 2004, p. 52).

Lopes (2004) analisa a inserção da forma gramaticalizada *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro como um processo de variação e mudança de longa duração. Para tanto, a autora apresenta, a partir dos resultados dos estudos de Lopes (1999, 2003) com dados do século XII ao XX, algumas alterações no sistema de traços de *gente* > *a gente*. A primeira delas diz respeito à *perda da subespecificação do traço de número*, o que, segundo a pesquisadora, pode ter contribuído de forma decisiva no processo evolutivo de *gente* > *a gente*. Durante esse processo, ocorreu a perda do traço formal de número plural do substantivo *gente*, que no passado podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*).

Com a gramaticalização do nome *gente*, houve ainda uma alteração nos traços formais ou semânticos de gênero. A autora esclarece que, com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra [øfem], assim como ocorre com as outras formas pronominais de primeira e segunda pessoas (*eu/nós*, *tu/você(s)/vós*) que têm gênero formal neutro. No seu processo de pronominalização, a forma *a gente* apresenta a subespecificação semântica [αFEM], com a possibilidade de combinação com adjetivos no masculino e/ou no feminino, acionando uma dupla interpretação de gênero: *a gente* estava atrasada (referência exclusiva a mulheres) ou *a gente* estava atrasado (referência mista ou exclusiva a homens).

A última alteração se refere à *manutenção da pessoa formal e mudança da pessoa semântica na pronominalização de a gente*. No que diz respeito aos traços de pessoa, Lopes (2004) postula que a forma pronominalizada *a gente* herdou o traço formal [øeu] do substantivo, pois continuou, pelo menos entre os falantes escolarizados, a se combinar com formas verbais de terceira pessoa do singular – a “não-pessoa” de Benveniste (1988). Entretanto, a autora ressalva que houve uma mudança na interpretação semântica na medida em que passa a compreender o “eu-ampliado”: o traço deixou de ser [øEU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal, uma vez que passou a incluir o falante.

Os resultados do estudo de Lopes (2004) confirmaram uma perda gradativa e não instantânea de traços formais intrínsecos através dos séculos. Segundo Lopes (2004, p. 75), “isso pode referendar a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um *continuum* e não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários”.

Borges (2004, p. 42-44) propõe o seguinte processo de gramaticalização de *a*

*gente*, a partir de uma análise empírica, avaliando o grau de pessoalização dessa forma:

- 1) genérico → *a gente* = “eu” + *todo e qualquer indivíduo que compreende o discurso (“pessoa” ou “não-pessoa”)*
- 2) plural exclusivo → baixo grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + *outro(s) (não-pessoa)*)
- 3) plural inclusivo → médio grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + *tu/você (pessoa) + outro(s) (não-pessoa)*)
- 3.1) plural inclusivo → alto grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + *tu/você (pessoa)*)
- 4) singular “eu” → mais alto grau de pessoalização  
(*a gente* = eu (*pessoa*))

A partir da escala de pessoalização de *a gente* elaborada por Borges (2004), podemos verificar um plural genérico no grau 1. Nos graus 2 a 4, tem-se um contínuo do plural específico, que vai do baixo grau de pessoalização de *a gente* (grau 2) ao mais alto grau de pessoalização (grau 4), quando o *a gente* designa *eu*.

#### **2.4 O uso das formas *nós* e *a gente* na função de sujeito**

Nesta subseção, apresentamos mais detalhadamente alguns trabalhos realizados sobre a variação *nós* e *a gente* no português do Brasil. O primeiro deles é o trabalho de Lopes (1993), que confirmou, em sua maioria, as hipóteses levantadas a partir do estudo de Omena (1986). Em seguida, focalizamos a pesquisa de Omena (1996), que muito contribuiu para a formulação de algumas de nossas hipóteses. Destacamos ainda os trabalhos de Silva (2004) e Nascimento (2013), ambos com ênfase na análise das variantes em estudo na posição de sujeito. Finalizamos com os resultados da análise da alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* apresentados no trabalho de Araújo (2016), que lançou um olhar para o falar popular de Fortaleza - Ceará, comunidade de fala também investigada nesta pesquisa.

Os trabalhos apresentados nesta subseção foram escolhidos devido à relevância de suas contribuições para o estudo da variação das formas *nós* e *a gente* no português brasileiro e por terem nortado as discussões acerca dos resultados de nossa pesquisa.

Lopes (1993) investigou a alternância das formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, no português falado culto do Brasil a partir de uma amostra do *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC). O acervo de gravações do projeto conta com entrevistas da fala culta de cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife), realizadas na década de 1970, e encontra-se estratificado da seguinte forma: sexo (homens e mulheres com nível universitário completo) e faixa etária (de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 56 anos).

O estudo de Lopes (1993) objetivou identificar e analisar os ambientes linguísticos e sociais que condicionam o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito na fala culta de falantes de três regiões geográficas do Brasil, a saber: Rio de Janeiro (Região Sudeste), Salvador (Região Nordeste) e Porto Alegre (Região Sul). Para a pesquisa, a autora realizou um recorte da amostra constituído por 18 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), assim distribuídas: seis entrevistas por cidade, com uma distribuição proporcional de um inquérito de cada sexo (masculino e feminino) pelas três faixas etárias.

Na análise geral, Lopes (1993) obteve um total de 972 dados, dos quais 562 são dados de sujeito *nós*, explícito ou não, contra 410 de sujeito *a gente*, explícito ou não. Dos 972 dados, 523 são de mulheres e 449 de homens. Em relação à idade, a distribuição se mostrou bastante equilibrada: 253 dados de jovens, 333 de adultos e 386 de idosos.

A autora controlou os seguintes fatores linguísticos e sociais: *paralelismo formal, mudança de referente, saliência fônica, eu-ampliado, tempo verbal, modalização, gênero discursivo, tamanho do grupo, tipo de oração, região geográfica, sexo e faixa etária*. Na rodada geral, os grupos de fatores selecionados, por ordem de relevância, foram: *paralelismo formal, sexo associado à faixa etária, saliência fônica, região geográfica, eu-ampliado, tempo verbal e modalização*. Os outros grupos de fatores (mudança de referente, gênero discursivo, tamanho de grupo e tipo de oração) não foram considerados pertinentes na rodada global, mas, pelo fato de terem sido selecionados em algumas subamostras, foram tecidas considerações no capítulo de exame dos fatores linguísticos.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos para os grupos de fatores selecionados na rodada geral dos dados de Lopes (1993).

Concernente aos fatores linguísticos, o *paralelismo formal* foi considerado o fator mais relevante para a explicação do fenômeno, sendo selecionado em primeiro lugar em todas as subamostras. Os resultados de Lopes (1993) para essa variável confirmaram os resultados encontrados em Omena (1986), indicando que, com relação ao pronome que inicia uma série (1ª referência) e a forma isolada no período, o falante usa tanto *nós* quanto *a gente* (pesos relativos próximos de .50). Contudo, ao selecionar uma dada forma, tal escolha atuará sobre o uso das formas subsequentes, uma vez que o falante tende a repetir a mesma forma linguística numa sequência discursiva. Em síntese, a autora observou uma maior frequência de *nós* com: 1) sujeito não explícito com verbo na 1ª pessoa do plural (.86); e b) forma *nós* precedida de uma oração introduzida por *nós* (.79). Isso indica que a probabilidade de se usar *nós*, ao invés de *a gente*, é significativamente maior quando o falante utiliza também o pronome *nós* em



oração antecedente. A forma *a gente* apresentou comportamento semelhante, ou seja, a probabilidade de se usar *a gente* é maior quando o antecedente formal for *a gente*, e o verbo encontrar-se na 3ª pessoa do singular, com sujeito explícito ou não.

Quanto ao grupo de fatores *sexo associado à faixa etária*, os resultados apontaram que, independentemente do sexo, os falantes mais jovens (de 25 a 35 anos) empregam mais a forma *a gente* (Mulheres: 82% e Homens: 60%). As mulheres da faixa etária 3 (com mais de 56 anos) tendem a empregar mais a forma *a gente* (.59), enquanto que os homens da mesma faixa etária privilegiam mais o pronome *nós* (.81). Da mesma forma, os resultados de Omena (1996) também mostraram que os mais jovens usam mais a forma inovadora *a gente* e os idosos empregam mais o pronome *nós*. Contrariamente ao que apontaram os resultados de Omena (1996), os resultados de Lopes (1993), no que se refere à variável *sexo*, indicaram um favorecimento ao emprego da variante *a gente* pelas mulheres.

A variável *saliência fônica* também foi selecionada como estatisticamente relevante no estudo de Lopes (1993). Os resultados de Lopes (1993) revelaram que, quanto maior a saliência fônica entre as formas do singular e plural (níveis 3, 4 e 5), há maior probabilidade de ocorrer o pronome *nós* (.65, .77). Já nos níveis de menor diferenciação fônica (1 e 2), a forma *a gente* tende a ocorrer mais.

Quanto à *região geográfica*, os resultados de Lopes (1993) indicaram um predomínio da forma padrão *nós* em Porto Alegre (.60) e Salvador (.66), enquanto que no Rio de Janeiro é mais frequente o emprego da forma inovadora *a gente* (.69). A autora observa ainda que, em relação à região, apenas o paralelismo formal foi selecionado nas três cidades, indicando que, em cada região do país, diferentes ambientes linguísticos estão atuando na escolha do falante culto por uma das duas formas, *nós* ou *a gente*, na função de sujeito.

O *eu-ampliado* foi outro grupo que se mostrou pertinente, pois, conforme postulou Lopes (1993), em relação a um uso mais restrito ou mais genérico, há uma diferenciação no emprego das formas *nós* e *a gente*. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (*eu + não-eu: eu + você*, .66 e *eu + vocês*, .91) e quando faz referência ao *eu + não-pessoa* (*eu + ele*, .87 e *eu + eles*, .60). Quando o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento ao uso da forma inovadora *a gente* (.65), que apresenta maior grau de impessoalidade, resultado esse que vai ao encontro da tendência verificada em Omena (1996).

Considerando o *tempo verbal*, os resultados indicaram que as maiores probabilidades para o emprego de *nós* foram encontradas com o pretérito perfeito (.90) e com os tempos que se caracterizam pelo fato de apresentarem maior número de marcas: futuro do

subjuntivo (.84), imperfeito do subjuntivo (.67), futuro do pretérito do indicativo (.61) e presente do subjuntivo (.58). Já o presente (.60) e as formas nominais (infinitivo - .65 e gerúndio - .75) favoreceram o uso da forma *a gente*. Tais resultados confirmaram as hipóteses básicas de Lopes (1993), embasadas no trabalho de Omena (1986), de que o uso de *a gente* com o gerúndio é categórico e de que o pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais favorecem o uso de *a gente*, enquanto que o futuro e o pretérito perfeito favorecem a presença de *nós*. Quanto ao pretérito imperfeito, na pesquisa de Omena (1986) o pretérito imperfeito é mais utilizado com a forma *a gente*, já em Lopes (1993) observa-se um ligeiro favorecimento para o pronome *nós* (.58). Segundo a autora, talvez a explicação dessa diferença resida no grau de escolaridade dos falantes nos dois *corpora*. Omena (1986) analisou a fala de pessoas de menor grau de escolaridade, enquanto que os dados de Lopes (1993) são de falantes com formação universitária completa.

Para a análise da *modalização*, Lopes (1993) observou apenas dois recursos, considerados opostos pela autora: a) os auxiliares modais do tipo poder, querer, dever e b) os verbos ou expressões de opinião, como as orações performáticas "eu acho que". Os resultados obtidos corroboraram a hipótese da autora de que o falante emprega com mais frequência os auxiliares modais com a forma *a gente*, devido ao seu caráter indeterminador e genérico, ao passo que, com a expressão cristalizada "eu acho que", o falante revelaria maior engajamento com o seu discurso, favorecendo, dessa forma, o pronome *nós*. Conforme o previsto, o uso de *nós* foi predominante nas situações em que o falante expressa sua opinião pessoal (.92), enquanto que houve maior favorecimento da forma *a gente* (.69) quando o falante modaliza o seu discurso, através dos auxiliares poder, dever, querer.

Em Lopes (1993), as hipóteses levantadas a partir do estudo de Omena (1986) foram, em sua maioria, confirmadas. A autora conclui que são praticamente os mesmos os fatores linguísticos que condicionam o uso de *nós* e *a gente*, tanto para os falantes com pouca escolaridade, quanto para os de formação universitária completa. Apesar disso, Lopes (1993) ressalva que o processamento da mudança linguística está ocorrendo de forma diferenciada nos dois grupos: enquanto nos falantes com pouca escolaridade (OMENA, 1986) a substituição de *nós* por *a gente* encontra-se em um estágio mais avançado, entre os falantes cultos está havendo um retardamento na efetivação da mudança, o que talvez pode ser explicado pelo fato de os homens e as mulheres de meia idade, por sofrerem pressões maiores, em função de suas atividades profissionais, constituírem focos de resistência à mudança.

Em seu trabalho sincrônico, Omena (1996) analisou uma amostra da fala não culta de 64 informantes cariocas integrantes do banco de dados do Projeto Censo da Variação

Linguística do Estado do Rio de Janeiro (Amostra Censo), a partir de entrevistas com falantes de diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, gravadas no início da década de 1980. Os informantes estavam divididos em quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50-71 anos); três níveis de escolaridade (1ª a 4ª séries do primário, 5ª a 8ª séries do ginásio e 2º grau, hoje Ensino Médio) e dois sexos (masculino e feminino).

Omena (1996) investigou a variação *nós* e *a gente* nas funções sintáticas de adjunto adverbial, complemento, sujeito e adjunto adnominal. Nas entrevistas analisadas, levando-se em consideração todas as funções sintáticas, a porcentagem geral para o uso de *a gente*, quando comparado à da forma *nós*, foi de 69%. No âmbito geral, as ocorrências de *a gente* foram mais frequentes na função sintática de adjunto adverbial (84%), depois na de sujeito (73%) e complemento (72%) e, por último, na de adjunto adnominal (14%). Como pronomes, a autora analisou as formas *nós* e *a gente* na função de sujeito, pois afirma ser nessa função sintática que as formas aparecem com maior frequência. Dos 3.299 dados encontrados, 2.701 estão na posição de sujeito. Para a análise das variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito, a mesma autora considerou os fatores linguísticos *disposição das formas na sequência do discurso* (paralelismo), *saliência fônica*, *tempo* e *aspecto*, *indeterminação e número maior ou menor de referentes*.

Considerando a *disposição das formas na sequência do discurso*, os resultados indicaram que a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior (adultos: .81 e crianças: .78), e diminui quando se muda a referência (adultos e crianças: .65). A mesma tendência é observada em relação ao uso de *nós*, de maneira oposta. A probabilidade para o uso de *nós* com antecedente igual e com a mesma referência é de .86 para os adultos e .75 para as crianças. No entanto, quando a referência muda, há queda de probabilidade do uso de *nós* entre os adultos, passando de .86 para .58.

Omena (1996) defende ainda que a influência dos antecedentes com sujeito zero sobre a realização plena de *a gente* ou *nós* atua propiciando a forma *a gente*, quando o antecedente está na forma verbal de terceira pessoa do plural e com o mesmo referente (.61). Quando o referente muda, desfavorece o aparecimento dessa forma (.41) e privilegia o uso de *nós* (.59). Já a forma que traz a desinência *-mos*, com sujeito nulo, favorece o uso de *nós* (.62), quando se trata do mesmo referente, ao passo que desfavorece, em favor de *a gente*, quando muda o referente (.40). Quanto à escolha entre uma das duas variantes para a primeira referência, a linguista observa que não há influência da sequência sobre a variável (probabilidade em torno de .50). Segundo Omena (1996, p. 197):

A escolha de uma das formas, ao se nomear pela primeira vez um referente na sequência de um discurso, deve-se a outros fatores. No entanto, uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha.

No que diz respeito à variável *saliência fônica*, Omena (1996, p. 199) registra que “o grau de diferença entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural também condiciona a ocorrência (ou não) de *a gente*”. Segundo a autora, ao se comparar essas formas verbais, verifica-se que a maior diferença entre elas privilegia o uso de *nós*, ao passo que a menor diferença favorece o uso de *a gente*. Para a variável *saliência fônica*, Omena (1996, p. 199) observa que:

Se a concordância do verbo com o sujeito é sensível ao maior ou menor grau de *saliência fônica verbal*, supõe-se que o falante use mais a forma *nós* (com flexão verbal *-mos*) como sujeito, com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3ª pessoa do singular e 1ª do plural.

O grupo de fatores testado na pesquisa de Omena (1996), composto por 7 níveis de *saliência fônica verbal*, foi o seguinte:

- 1) a mesma forma para ambas as pessoas  
Ex: cantando;
- 2) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência *-mos*  
Ex: falava/falávamos;
- 3) infinitivo com acréscimo da desinência *-mos* ou formas semelhantes  
Ex: cantar/cantarmos;
- 4) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência *-mos*. Incluem-se aqui verbos em que há fechamento maior ou menor da vogal pretônica  
Ex: fala/falamos;
- 5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência *-mos*  
Ex: cantou/cantamos;
- 6) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos, aumento ou não de mais uma vogal, fechamento maior ou menor da vogal pretônica, acréscimo da desinência *-mos*  
Ex: faz/fazemos;
- 7) diferenças fonológicas acentuadas  
Ex: veio/viemos; é/somos. (OMENA, 1996, p. 199-200).

Os resultados obtidos confirmam o previsto pela autora. Em termos de probabilidade, em separado para adultos e crianças, as formas de menor *saliência fônica* favoreceram o uso da forma inovadora *a gente* (nível 2: .68 e .87; nível 3: .65 e .82; nível 4: .58 e .61, respectivamente), ocorrendo o oposto nos demais níveis, que privilegiaram o uso da forma *nós*. Com as formas gerundiais (nível 1), que apresentam a mesma forma para ambas as pessoas, foi categórico o uso de *a gente*, quando comparado ao da forma *nós*. Quanto ao infinitivo, a autora menciona que as formas de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural pouco se diferenciam, o que passa a favorecer a substituição da forma canônica, *nós*,

pela mais nova, *a gente*.

Omena (1996) também verificou dois aspectos relacionados ao significado gramatical das formas verbais: o tempo e o aspecto, sendo este último constatado como irrelevante. Os resultados obtidos para a ação dos tempos verbais presente, passado, futuro e não marcado demonstram que os tempos não marcados e o presente favorecem o uso de *a gente* (.83 e .55, respectivamente), sendo que o tempo passado (.64) e o futuro (.75) são condicionantes ao uso de *nós*.

A autora testou nos dados dos adultos a influência dos fatores semânticos *indeterminação e número maior ou menor de referentes*. Os fatores considerados na análise foram: a) grupo grande e indeterminado; b) grupo pequeno ou intermediário e indeterminado; c) grupo grande e determinado e d) grupo pequeno ou intermediário e determinado. Os resultados apresentados sugerem que a variante *a gente* prevalece em grupos grandes e indeterminados (.72), ao passo que a forma conservadora *nós* é privilegiada quando se amalgama o grupo grande e determinado (.72). No que diz respeito aos grupos pequeno e intermediário amalgamados, determinado e indeterminado, ocorre um processo de neutralização, o que, segundo Omena (1996), pode indicar que a forma *a gente* está perdendo a marca de indeterminação.

Quanto às variáveis sociais que condicionam o uso das variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito, Omena (1996) destaca que a idade influencia nitidamente a alternância *nós* e *a gente*, uma vez que os falantes mais velhos tendem a usar mais a forma *nós* e os mais jovens, a forma *a gente*. As maiores probabilidades para o uso de *nós* foram observadas entre os falantes nas faixas etárias de 26 a 49 anos (.64) e de 50 a 71 anos (.78), enquanto que as faixas etárias mais jovens – de 7 a 14 anos e de 15 a 25 anos – utilizam, preferencialmente, a forma *a gente* (.74 e .67, respectivamente).

Em se tratando de *escolaridade*, Omena (1996) observa que os falantes com nível ginásial usam com maior frequência o pronome canônico *nós* (crianças: .52 e adultos: .78), atribuindo o elevado uso desse pronome entre os falantes com escolaridade ginásial ao fato de o programa escolar iniciar o estudo da conjugação verbal no fim do primário e a enfatiza justamente no ginásio. Quanto à variável *sexo*, a autora destaca que as mulheres, em todas as faixas etárias, exceto nas mais velhas, tendem a empregar levemente mais a forma *nós*.

A partir da análise geral dos dados, a autora verificou que a forma *a gente* é mais utilizada que o pronome *nós*. Constatou ainda um aumento do uso de *a gente* no discurso dos falantes mais jovens, o que indicaria uma mudança em progresso.

A pesquisa de Silva (2004) teve como objetivo descrever e analisar a

intercambialidade das formas pronominais *nós* e *a gente* (e suas respectivas realizações *-mos* e *zero*) na (in)determinação referencial, cuja análise está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana e apoiada nas concepções teóricas de Benveniste no que se refere à noção de pessoa e não-pessoa (1988 e 1989) e nas abordagens sobre os processos de referenciação. A autora utilizou em sua pesquisa amostras de 32 entrevistas com informantes de nível superior, 16 coletadas entre os anos de 2001 e 2002 na cidade de Blumenau - SC, da fala de informantes graduados em diferentes áreas profissionais (médicos, professores, artistas, entre outros), muitos deles vinculados a uma unidade hospitalar da mesma cidade; já os outros 16 dados de fala foram colhidos de entrevistas exibidas, entre os anos de 2003 a 2004, pelo Programa do Jô Soares, programa transmitido pela Rede Globo de Televisão durante 16 anos e que chegou ao fim em dezembro de 2016.

A análise geral dos dados apresentou uma distribuição bastante equilibrada na utilização das variantes *nós* e *a gente*, pois o percentual obtido para o uso da forma *a gente* foi de 51% e para a forma *nós* foi de 49%. Trazemos aqui alguns resultados e discussões acerca da influência dos fatores linguísticos e sociais selecionados pelo pacote *Varbrul* para verificar quais fatores estariam condicionando a variação das formas em estudo nas amostras coletadas. Os fatores condicionantes, por ordem de relevância, foram *manutenção ou não do referente*, *faixa etária*, *multiplicidade referencial* e *sexo*.

A *manutenção ou não do referente* foi o primeiro grupo de fatores selecionado como estatisticamente relevante pelo pacote estatístico *Varbrul*. Considerando essa variável, os resultados de Silva (2004), assim como os de Omena (1996), apontaram pesos relativos próximos de .50 para a forma pronominal que inicia uma série (1ª referência). Dos 266 dados, 149 são de primeira referência da forma *a gente* (.52) contra 117 ocorrências do pronome *nós*. A autora constatou que, quando o falante escolhe uma das duas formas, a tendência é repeti-la não alternando o referente. De 222 ocorrências, 160 são de *a gente* com manutenção do referente, com peso relativo de .71. Esses resultados confirmam a relevância da forma *a gente* nos contextos de manutenção referencial, conforme já observado nos trabalhos de Omena (1996) e Lopes (1998). A autora observou ainda uma alta tendência para a ocorrência de *a gente* com referente diferente (71%, .68), resultado esse que mostra uma frequência de uso quase igual à porcentagem do uso de *a gente* com antecedente igual (72%). Dessa forma, a mesma autora ressalta que esses resultados evidenciam que a repetição do mesmo item lexical sem identidade referencial é um recurso linguístico recorrente na língua. Nas palavras de Silva (2004, p. 113): “Isto quer dizer que, em termos de frequência de uso, o falante tanto emprega a mesma forma para nomear os mesmos referentes quanto a utiliza para designar

novos referentes”. Em se tratando da forma *nós*, os resultados mostram que é baixa a tendência desse pronome se manter e designar novos referentes em uma dada sequência discursiva (.32).

Quanto à variável *multiplicidade referencial*, terceiro grupo de fatores selecionado, os resultados obtidos demonstram que é alta a probabilidade de a forma *a gente* designar referenciais específicos (*eu*, *eu+tu/eu+tu+eles*). Os resultados mostram ainda uma alta probabilidade para o uso da forma *a gente* designando *eu*, com peso relativo de .76. De um total de 33 dados, 24 são de *a gente* com referência específica, em que o falante se refere a ele mesmo (*eu*). Os fatores *eu+tu* e *eu+tu+ele(s)* foram amalgamados em um único fator e obtiveram uma probabilidade de uso de .60. Esses dois tipos referenciais obtiveram apenas 4 casos (2 para *a gente* e 2 para *nós*). Em virtude disso, a autora ressalta que o elevado peso relativo atribuído a esses fatores pode estar relacionado ao baixo número de ocorrências. Quanto às formas *nós* e *a gente* designando *eu+ele(s)*, os dados indicam um favorecimento do pronome *nós*. De 508 ocorrências, 236 são dados de *a gente* (.43), o que sugere, segundo a autora, que o pronome *nós* sofre algum tipo de restrição referencial. No campo da indeterminação, a forma *a gente* obteve uma probabilidade de ocorrência de .58. Silva (2004) identifica ainda um percentual significativo de *a gente* veiculando referentes opacos, com peso relativo de .63.

No que concerne às *variáveis sociais*, foram analisados os seguintes fatores: *faixa etária* e *sexo*. Considerando a *faixa etária*, segundo grupo de fatores selecionado como relevante, os resultados apontaram um emprego maior de *a gente* por falantes mais jovens – 25 a 40 anos – (.62), contra .38 de probabilidade para o uso desse pronome pelos falantes mais velhos (acima dos 47 anos). Esses resultados corroboram os resultados obtidos nos estudos de Omena (1996) e Lopes (1998), em que se verifica um favorecimento no uso de *a gente* pelos mais jovens.

Ao se comparar o uso de *a gente* e *nós* entre homens e mulheres, os resultados da pesquisa indicaram que as mulheres tendem a usar com mais frequência a forma recente *a gente*. De 381 dados, 204 são de *a gente* utilizados por mulheres (.56). Dos 483 dados empregados por homens, houve 239 ocorrências de *a gente* (.45). Da mesma forma, os resultados indicaram que mulheres mais jovens utilizam mais a forma pronominal *a gente* (69%) do que os homens dessa mesma faixa etária (61%). No que se refere ao pronome *nós*, o sexo masculino tende a empregá-lo com mais frequência, 39% contra 31% das mulheres. Homens acima de 47 anos empregam mais a forma *nós* (64%) do que as mulheres pertencentes a essa mesma faixa etária, 57%. Os resultados obtidos na análise da variação *nós*

e *a gente* realizada por Omena (1996) e Silva (2004), no que concerne às variáveis sociais *faixa etária* e *sexo*, como pode ser observado acima, apresentam resultados semelhantes.

O trabalho de Nascimento (2013) apresenta um estudo sobre a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, em posição de sujeito. Para tanto, a autora investigou os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso dessas variantes na fala de vinte e quatro informantes da primeira e da terceira faixa etária (25 a 35 anos e 56 anos em diante, respectivamente) com formação universitária completa: 12 informantes da década de 70 e 12 da década de 90. Os inquiridos foram recolhidos do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC/SSA) do tipo DID (diálogo entre informante e documentador). Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio do processamento dos dados pelo programa GoldVarb 2001, adotando-se como valor de aplicação a variante padrão *nós*.

Em seu estudo, a autora levou em consideração a influência das seguintes variáveis linguísticas e sociais no condicionamento do uso das formas em variação no *corpus* em estudo: *preenchimento do sujeito*, *nível de referencialidade*, *paralelismo discursivo*, *tempo e modo verbal*, *tipo de oração*, *tipo de verbo*, *tipo de texto* e *classificação da frase*. Já as variáveis sociais analisadas foram: *gênero*, *faixa etária* e *década* da gravação do inquirido (décadas de setenta e noventa). Na última rodada, foram selecionados seis grupos de fatores, três linguísticos e três sociais: *preenchimento do sujeito*, *nível de referencialidade*, *classificação da frase*, *gênero*, *faixa etária* e *década*.

A análise dos dados a partir dos informantes do Projeto NURC-SSA evidenciou que, na representação do sujeito, as formas *nós* e *a gente* são fortes concorrentes. Dos 554 dados submetidos ao programa GoldVarb, o uso do pronome *nós*, explícito ou não, atingiu o percentual de uso de 51,80% (287 ocorrências), enquanto foram encontradas 267 ocorrências de *a gente*, explícito ou não (48,20%).

O *preenchimento do sujeito* foi a primeira variável linguística selecionada como mais relevante nas rodadas realizadas pelo programa estatístico. Do total de 554 dados analisados, 439 são de sujeito explícito (40%) e 115 de sujeito implícito ou nulo (93%). O peso relativo obtido mostrou que, quando o sujeito está explícito, o pronome *nós* é desfavorecido, .33, enquanto o sujeito implícito o favorece, .93. Por sua vez, o sujeito explícito favorece *a gente*, já que, segundo a autora, a variante inovadora precisa vir explícita, uma vez que a flexão verbal é a mesma de outras pessoas do discurso.

O nível de *referencialidade* foi o segundo grupo de fatores selecionado. Os resultados quantitativos dessa variável evidenciam que contextos mais específicos favorecem



o uso do pronome *nós*. Do total de 287 ocorrências de *nós*, 230 são de contexto de referência específica (.55), apenas 2 são de referência centrada no próprio falante (.36) e 55 configuram contextos de indeterminação (.24). Como é observado, a ocorrência de *nós* é maior quando o falante se refere à coletividade e *a gente* é mais utilizado em contextos de maior indeterminação.

A classificação da *polaridade da frase* foi o terceiro grupo de fatores selecionado nas análises do *corpus*. O *corpus* em estudo apresentou apenas ocorrências de frases afirmativas e negativas. A partir dos resultados obtidos, Nascimento (2013) constata uma forte concorrência entre as formas *nós* e *a gente* nas frases afirmativas e negativas, já que verificou que nas frases de polaridade negativa houve um pequeno favorecimento para o uso de *nós* (.58), enquanto as frases afirmativas mostram um contexto de neutralidade (peso relativo próximo de .50), apresentando um peso relativo de .47.

Prosseguindo na análise dos dados do *corpus*, Nascimento (2013) testou os grupos de fatores sociais para o entendimento da variação em estudo. O *gênero* foi selecionado como a primeira variável social estatisticamente significativa. Dos 554 dados, 291 ocorrências são das mulheres e 263 dos homens. Os resultados quantitativos revelaram que o uso de *nós* é maior entre os homens, com peso relativo de .60. Esses resultados confirmam o que foi apontado no trabalho de Silva (2004), constatando que os homens preferem o uso de *nós*.

Quanto à *faixa etária*, na faixa 3 (56 anos em diante) ocorreu o predomínio da forma *nós*, com peso relativo de .69. Na faixa 1 (25 a 35 anos), observa-se um desfavorecimento nas ocorrências de *nós* (.31). Esses resultados em pesos relativos revelam o aumento da utilização de *a gente* entre os falantes mais jovens. A autora observou a mesma tendência em outros estudos, como os de Omena (1986, 1996) e Lopes (1993), os quais mostram um aumento no uso de *a gente* pelos falantes mais jovens, indicando uma provável mudança em curso, enquanto os mais velhos tendem a usar com mais frequência a variante padrão *nós*.

A variável social *década da gravação do inquérito* foi o último grupo selecionado. Dos 554 dados, 280 (50,54%) são dados da década de 70 e 274 (49,46%), da década de 90. A partir da análise dos inquéritos, os resultados apontaram que nos inquéritos gravados na década de 70 o uso de *nós* foi favorecido, com peso relativo de .67, ao passo que os gravados na década de 90 apresentaram um favorecimento de *a gente* (.33 peso relativo de *nós*), assinalando uma queda de uso do pronome *nós* em contextos de determinação e a sua substituição pela forma inovadora *a gente*.

Por último, a pesquisa de Araújo (2016) teve como finalidade investigar a

variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, nas suas possíveis funções sintáticas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito e adjunto), no falar popular dos fortalezenses, analisando os fatores linguísticos e sociais que atuam na forma pronominal *a gente* à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1997, 2001, 2003). O autor partiu da hipótese principal de que o pronome *a gente* seja usado com mais frequência que *nós*, visto que foi utilizado um *corpus* de fala popular.

Araújo (2016) utilizou em sua pesquisa uma amostra do *corpus* do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), composto por gravações em áudio e transcrições. A amostra escolhida é constituída por 53 informantes: 26 mulheres e 27 homens; 17 indivíduos da faixa etária I (15 a 25 anos), 18 da faixa etária II (26 a 49 anos) e 18 da faixa etária III (a partir dos 50 anos); 17 informantes com nível de escolaridade A (0 a 4 anos), 18 com nível B (5 a 8 anos) e 18 com nível C (9 a 11 anos). Foram utilizados os inquéritos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), por ser constituído de falas extremamente espontâneas. A análise quantitativa dos dados foi realizada com o auxílio do programa computacional GoldVarb X.

Na rodada realizada com todas as funções sintáticas para a variação *nós* e *a gente*, a fim de fornecer uma visão geral acerca desse fenômeno, a amostra da pesquisa totalizou, sem os nocautes, 1.092 ocorrências da variação pronominal *nós* e *a gente* no falar popular de Fortaleza, das quais a forma *a gente* contou com 716 dados, apresentando uma frequência de uso de 65,6%, enquanto a forma *nós* aparece em 34,4% do total de ocorrências, totalizando 376 dados. De maneira geral, a análise do *corpus* apresentou frequência maior da forma inovadora *a gente* em detrimento da forma conservadora *nós*, no que se refere à realização da primeira pessoa do plural. Os dados da pesquisa revelaram que a maior parte das ocorrências de *a gente* se dá na função de sujeito, embora o seu peso relativo encontre-se próximo do ponto neutro, com probabilidade de aplicação de *a gente* de .535. A função de adjunto favorece de forma expressiva o pronome *a gente* (.722), apesar de ter apresentado um baixo número de ocorrências (17 dados). As funções sintáticas objeto direto (.225), predicativo do sujeito (.105) e objeto indireto (.058) desfavorecem significativamente a forma *a gente*.

Como a nossa pesquisa focaliza apenas a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, trazemos aqui apenas os resultados da pesquisa de Araújo (2016) para essa função, com a finalidade de verificar os fatores linguísticos e sociais condicionadores do uso de *a gente* no falar dos fortalezenses dos anos 2000.

A partir dos dados correspondentes à função de sujeito, o pesquisador analisou

999 dados, sendo 66% de *a gente* e 34% de *nós*. Na melhor rodada, com *input* de .678, foram selecionadas pelo GoldVarb X as variáveis na seguinte ordem de relevância: *preenchimento do sujeito, faixa etária, tipo de verbo, referência nós/ a gente, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores*. O programa descartou os grupos de fatores *sexo, tempo verbal e estrutura do verbo*.

A variável *preenchimento do sujeito* foi estatisticamente mais relevante na rodada, sendo selecionada em 1º lugar. Os resultados apontaram que o *pronome preenchido* favorece o uso da forma *a gente*, com peso relativo de .586, ao passo que o pronome nulo inibe a aplicação da regra (.015), o que, segundo o autor, pode ser explicado pelo número reduzido de *a gente* (apenas 5) nesse contexto. A partir da análise dos dados, o estudioso confirma os resultados obtidos por Tamanine (2010), em que há maior favorecimento para a forma *a gente* quando o sujeito é preenchido.

A *faixa etária* foi selecionada como o segundo fator mais relevante. Com relação a essa variável, os resultados obtidos mostraram que os informantes mais jovens – 15 a 25 anos – utilizam *a gente* de maneira bastante expressiva, com peso relativo de .705. Quanto à forma *nós*, seu uso foi favorecido pelos falantes de faixa intermediária – 26 a 49 anos –, com peso relativo de .356 para *a gente*. Já os mais velhos – a partir de 50 anos – favoreceram levemente a forma canônica *nós*, com peso relativo de .488 para a forma inovadora *a gente*. Os resultados da pesquisa de Araújo (2016) indicaram uma tendência à mudança, pois a forma *a gente* apresentou uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem, enquanto os mais velhos continuam a favorecer a forma canônica *nós*, embora a probabilidade para o uso dessa forma se aproxime do ponto neutro. Os dados apresentados na pesquisa corroboram os resultados encontrados no trabalho de Omena (1996), que mostram que os mais jovens favorecem mais a forma inovadora e os mais velhos tendem a inibir a sua ocorrência.

No que diz respeito ao *tipo de verbo*, o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foram os verbos *dicendi* (.981), apesar do reduzido número de ocorrências (13 ao todo). Os verbos *epistêmicos* (.587) favorecem o uso da forma *a gente*, bem como os verbos de *ação* (.516) e o verbo *ter* (.512), embora estes dois últimos fatores tenham seu peso relativo muito próximo do ponto neutro. Já os verbos de *estado* foram os únicos que desfavoreceram a variante *a gente* (.297).

No que concerne à quarta variável selecionada, a *referência nós/ a gente*, a pesquisa de Araújo (2016) confirmou os resultados já obtidos por outras pesquisas, como a de Omena (1996), na qual a forma pronominal *a gente* se destacou em contextos genéricos, enquanto a forma *nós* é favorecida em contextos específicos, embora o uso de *a gente* em

contextos específicos esteja aumentando no português brasileiro. Os resultados obtidos para *a gente* demonstraram que a *referência genérica* favorece a utilização da variante *a gente* (.727), enquanto o *sentido específico* inibe a regra (.441).

Os dados quanto à *posição do pronome em relação ao verbo* revelaram que o uso do pronome *a gente* (.825), quando empregado após o verbo, é mais favorecido, enquanto que a presença de *a gente* antes do verbo acabou por desfavorecer a aplicação da regra, com peso relativo de .486.

O grau de *simetria entre os interlocutores* foi a última variável selecionada pelo GoldVarb X, cujos resultados indicaram que os informantes *totalmente simétricos* (.546) – mesma faixa etária e mesmo sexo – favorecem a utilização de *a gente* e os *totalmente assimétricos* – idades e sexos diferentes – constituem um fator neutro para a utilização de *a gente*, se observarmos o peso relativo (.508). Já os informantes *parcialmente simétricos* (.412) e os *parcialmente assimétricos* (.385) privilegiam o uso da variante padrão *nós*. O autor verifica haver uma pequena diferença nos resultados da rodada com dados de *nós* e *a gente* apenas na função de sujeito em relação à análise com todas as funções sintáticas. Nas palavras do autor:

Na análise com todas as funções sintáticas, os falantes *totalmente assimétricos* favoreciam o uso da forma *nós*, agora, na rodada feita apenas para a função de sujeito, passam a favorecer a forma inovadora *a gente*. Enquanto os participantes *parcialmente assimétricos* favoreciam o uso da regra, agora passam a desfavorecê-la. (ARAÚJO, 2016, p. 96).

Em suma, os trabalhos aqui analisados, no que diz respeito à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no português brasileiro, indicam que a forma pronominal *a gente* foi utilizada com maior frequência como pronome-sujeito de primeira pessoa do plural, em oposição a *nós*. Esse dado reforça a necessidade de que a forma inovadora *a gente* seja incluída no quadro do sistema pronominal do português do Brasil.

### 3 METODOLOGIA

Esta seção tem por objetivo descrever os passos metodológicos para a realização de nosso estudo. Inicialmente, apresentamos a amostra estudada. Em seguida, tratamos dos procedimentos de coleta e análise dos dados e, por fim, abordamos as variáveis linguísticas e sociais analisadas.

#### 3.1 Amostra estudada

A metodologia utilizada nesta pesquisa ancora-se no instrumental teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006; LABOV, [1972] 2008). Tal escolha é justificada pelo fato de esse modelo ser considerado teoricamente coerente e eficaz para a descrição da língua em uso, buscando descobrir quais fatores linguísticos e extralinguísticos são relevantes para levantar e interpretar os dados, dando-lhes um tratamento estatístico. Dessa forma, objetivamos verificar a distribuição das formas pronominais *nós* e *a gente* como representação da primeira pessoa do plural, como também observar os contextos favorecedores à realização dessas formas.

Para este trabalho, utilizamos o *corpus* do Projeto Dialetos Sociais Cearenses - DSC, cujos dados foram obtidos por meio de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente, com cerca de 18 horas de gravação realizadas entre 1986 e 1987 (ARAGÃO; SOARES, 1996). A amostra é formada de dados de língua falada, fornecidos por 18 informantes selecionados de 11 bairros de Fortaleza e distribuídos de acordo com as seguintes variáveis estratificadas, organizadas de acordo com a metodologia variacionista: quatro faixas etárias (10-11, 14-15, 18-25 e 37-43), quatro graus de escolaridade (analfabeto, primário, ginásial e segundo grau) e sexo (masculino e feminino).

#### 1. Localidades: Bairros de Fortaleza

- a) Serrinha
- b) Maracanaú
- c) Parquelândia
- d) Montese
- e) Conjunto Esperança
- f) Nova Assunção
- g) João XXIII

- h) Damas
- i) Quintino Cunha
- j) Ellery
- l) Henrique Jorge

## 2. Sexo

- a) Masculino
- b) Feminino

## 3. Faixa Etária

- a) 10-11 anos - (início da vida escolar - séries iniciais do 1º Grau)
- b) 14-15 anos - (término do 1º Grau - 5ª a 8ª séries)
- c) 18-25 anos - (término do 2º Grau e início da integração ao mercado ocupacional)
- d) 37-43 anos - (integração ao mercado ocupacional)

## 4. Grau de Instrução

- a) Analfabeto
- b) Primário
- c) Ginásio
- d) 2º Grau

## 5. Classe Social

- a) Classe Social B (média): tem casa própria confortável; tem carro; lê jornal, revista; tem alguma atividade intelectual; tem renda familiar acima de cinco salários mínimos.
- b) Classe Social C (baixa): não tem casa própria; não tem carro; não lê jornal, revista; não tem atividade intelectual; tem renda familiar até três salários mínimos.

Inicialmente, para a elaboração da amostra relativa às entrevistas, foram previstos setenta e dois inquéritos, contudo, por uma série de questões, reduziu-se a dezoito entrevistas: treze transcritas na primeira fase do projeto e cinco na segunda fase (ARAGÃO; SOARES, 1996). Essas entrevistas fazem parte do banco de dados do Projeto Dialetos Sociais Cearenses - DSC, publicado pela Universidade Federal do Ceará em 1996 sob o título *A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo* (ARAGÃO; SOARES, 1996).

Para esta pesquisa, utilizamos como amostragem 16 entrevistas, levando em conta as seguintes variáveis sociais: *sexo* e *faixa etária*. O quadro a seguir resume o perfil social da amostra estudada.

Quadro 1 – Perfil social dos informantes, de acordo com o *sexo* e a *idade*

| <b>Informante</b> | <b>Sigla</b> | <b>Sexo</b> | <b>Idade</b> |
|-------------------|--------------|-------------|--------------|
| 01                | NOR          | Mulher      | 10 anos      |
| 02                | JEA          | Homem       | 10 anos      |
| 03                | IVO          | Mulher      | 39 anos      |
| 04                | ROS          | Mulher      | 10 anos      |
| 05                | FRA          | Mulher      | 42 anos      |
| 06                | VAL          | Homem       | 40 anos      |
| 07                | ROB          | Homem       | 14 anos      |
| 08                | KAR          | Mulher      | 14 anos      |
| 09                | CLE          | Homem       | 19 anos      |
| 10                | BOS          | Homem       | 24 anos      |
| 11                | MAR          | Mulher      | 20 anos      |
| 12                | ELI          | Mulher      | 21 anos      |
| 13                | LEO          | Homem       | 20 anos      |
| 14                | DER          | Homem       | 18 anos      |
| 17                | MAS          | Mulher      | 16 anos      |
| 18                | OZE          | Homem       | 37 anos      |

Fonte: elaborado pela autora com base na estratificação do banco de dados DSC.

É relevante destacar que, na estratificação das variáveis sociais, há lacunas quanto ao mínimo de 02 informantes por célula social. Lamentavelmente, o banco de dados adotado não dispõe desses informantes em sua constituição da amostra. Diante disso, tivemos de fazer uma nova distribuição dos falantes por faixa etária, a fim de organizar nossa amostra, na tentativa de deixar o mínimo de 2 informantes por célula social. A amostra utilizada para este trabalho, composta por dezesseis inquéritos, foi subdividida em duas faixas etárias: oito informantes de 10 a 19 anos (quatro homens e quatro mulheres) e oito informantes de 20 a 42 anos (quatro homens e quatro mulheres). De posse do quadro acima, apresentamos, no Quadro 2, o número de informantes de nossa amostra por célula social.

Quadro 2 – Número de informantes por célula social, segundo a *faixa etária* e o *sexo*

| Faixa etária | Sexo      |          |
|--------------|-----------|----------|
|              | Masculino | Feminino |
| 10 - 19 anos | 4         | 4        |
| 20 - 42 anos | 4         | 4        |
| Total        | 8         | 8        |

Fonte: elaborado pela autora.

Relativo ao período em que o *corpus* DSC foi coletado, segundo dados do Censo Demográfico de 1980, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fortaleza contava, em 1980, com uma população de 1.338.793 habitantes, tornando-se a segunda cidade mais populosa do Nordeste (IBGE, 2011). Em meados da década de 1980, o Brasil passava por profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Nesse contexto, Fortaleza viveu um momento marcado pela recessão, pela inflação elevada e pelo déficit na balança de pagamentos, mas também assistiu à redemocratização do país, marcada pela primeira eleição livre e direta pós-fim da Ditadura Militar, sendo eleita a primeira mulher, Maria Luiza Fontenele (1986-1988). Tais assuntos foram muitas vezes explorados pelo entrevistador durante as entrevistas do *corpus* DSC, além de outros tópicos que motivaram os dezesseis informantes de nossa amostra ao uso de um menor grau de monitoramento da fala, como futebol, família, escola e trabalho.

### 3.2 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados se deu a partir da seleção das entrevistas de um *corpus* já constituído, o do Projeto Dialetos Sociais Cearenses - DSC. Após a escolha do *corpus*, foram realizadas as seguintes etapas: seleção de dezesseis entrevistas do *corpus* DSC; levantamento das ocorrências com as formas variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito, sem que tenham sido computados os casos de sujeito nulo; codificação dos dados, seguindo uma chave de codificação com os prováveis fatores condicionantes.

A chave de codificação foi dividida em dois grupos: as variáveis linguísticas e as sociais. Entre os grupos de fatores linguísticos, controlamos *paralelismo formal*, *determinação do referente*, *tempo verbal/formas nominais* e *posição do sujeito em relação ao verbo*. Os fatores sociais condicionantes testados foram *sexo* e *faixa etária*. Com as ocorrências devidamente codificadas, submetemos os dados obtidos ao programa estatístico GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a fim de que produza as



frequências de uso e os pesos relativos referentes a cada uma das variantes analisadas. Por fim, os dados foram analisados e interpretados, tendo por base a Teoria da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

### 3.3 As variáveis linguísticas e sociais

Apresentamos a seguir as variáveis linguísticas e sociais investigadas em nossa análise. Com relação às variáveis linguísticas, testamos *paralelismo formal*, *determinação do referente*, *tempo verbal/formas nominais* e *posição do sujeito em relação ao verbo*. As variáveis sociais analisadas em nossa pesquisa foram *sexo* e *faixa etária*. Passemos agora à discussão detalhada das referidas variáveis linguísticas e sociais.

#### 3.3.1 *Paralelismo formal*

O grupo *paralelismo formal* se revela um fator linguístico bastante investigado nas análises variacionistas do português brasileiro (POPLACK, 1980; OMENA, 1986; SCHERRE, 1988, 1998; LOPES, 1993; SCHERRE; NARO, 1993, entre tantos outros).

Segundo Scherre e Naro (1993, p. 2), no uso real tem-se verificado “uma tendência de formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas”. Com base nos princípios desses mesmos autores para a concordância verbo/sujeito em dados de língua falada, é possível observar que um sujeito com marcas explícitas de plural conduz a marcas explícitas no verbo. Por seu turno, um sujeito com marca zero de plural influencia a presença de verbo com marca zero, tanto no nível clausal quanto no discursivo, como se pode ver a seguir:

(...) há uma forte correlação entre o aparecimento de um verbo marcado e a presença de marcas explícitas no verbo subsequente (0,66). Da mesma forma, podemos verificar que o surgimento de um verbo não marcado provoca a ausência de marca na ocorrência verbal seguinte (0,18). (SCHERRE; NARO, 1993, p. 11).

Assim sendo, o conceito de *paralelismo formal* parte do princípio de que o falante tende a repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva, desencadeando uma série de repetições da mesma forma linguística, “seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos. (LOPES, 1998, p. 413). Os estudos de Omena (1996) e Lopes (1998) reforçam a hipótese de que a preferência por uma determinada forma linguística exerce influência sobre as demais. Omena (1996, p. 195) destaca que “a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o

antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior”. Do mesmo modo, se o falante escolher a forma *nós*, tenderá a empregá-la nas proposições subsequentes.

O controle da variável *paralelismo formal* nos estudos de Omena (1996), Lopes (1998), Silva (2004), Nascimento (2013) e Borges (2004) indicou que o uso da forma *a gente* é preferencial quando, numa sequência discursiva, o antecedente for *a gente* e há manutenção do referente, ocorrendo o mesmo com o pronome *nós*. Esses resultados sustentam a nossa hipótese de que o uso de *a gente* é maior em contextos com paralelismo, ou seja, em situações em que a primeira referência é *a gente* e a referência seguinte repete a forma já mencionada anteriormente.

Corrobora nossa hipótese a expectativa de Lucchesi (2009) de que o uso da forma *a gente* seja favorecido quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior, o mesmo se aplicando à forma *nós*.

Como Lucchesi (2009) pesquisou a variação na representação da primeira pessoa do plural na função de sujeito, utilizou-se nesta pesquisa o mesmo grupo de fatores testado no estudo do referido pesquisador (p. 462). Segundo o autor, o falante tende a repetir sua escolha por uma forma gramatical ao longo de sua fala, tanto no interior da oração, no chamado *paralelismo formal*, quanto numa sequência de orações, no chamado *paralelismo discursivo*. Testamos o seguinte grupo de fatores:

- a) Primeira referência: quando não havia uma menção anterior ao referente da forma pronominal empregada
  - (1) É, mas ele não tira a barba, *a gente* dá gilete, dá aparelho de barbear, mas ele não tira a barba. [3; 758; DSC]<sup>3</sup>
  - (2) *Nós* convivemos esses dois anos e foi maravilhoso assim, a nossa amizade. [8; 60; DSC]
  
- b) Referência anterior feita por *a gente*
  - (3) *A gente* tá na classe, aí eles vão chamar, *a gente* vem em fila e pega a merenda. [2; 71; DSC]
  - (4) Não, aí quando tem um campeonato, né, *a gente* inscreve o time aqui, como no ginásio Demócrito Rocha no ano passado, *nós* escrevemos o time, né? [18; 40-41; DSC]
  
- c) Referência anterior feita por *nós*

---

<sup>3</sup> Os caracteres entre colchetes referem-se, respectivamente, ao número do informante, à linha em que se encontra a ocorrência na entrevista e ao *corpus* utilizado na pesquisa.

(5) Se *nós* vamos a um um forró na Birsa, que é um clube que frequenta muito marginal, então *nós* temos que ficar sempre. [14; 863-864; DSC]

(6) Olhe, vai ter uma reunião no dia dezanove, sabe? Aí *nós nós* vamos levar pra casa umas tarefa, sabe? Aí no dia cinco de janeiro *a gente* volta, aí começa a fazer *a/ as* provas finais. [2; 652-653; DSC]

O critério estabelecido neste estudo para considerar a existência de uma série discursiva foi o de que os sujeitos explícitos *nós* e *a gente* não deveriam estar separados um do outro por mais de 10 (dez) orações sem a intervenção do documentador. (cf. SCHERRE; NARO, 1993, p. 8).

O exemplo 7, abaixo, retirado de nosso *corpus*, mostra a ocorrência do paralelismo formal na fala de um informante durante entrevista com o documentador. Trata-se de um *super token*, nos termos de Tagliamonte (2012, p. 111), ou seja, “formas variantes de um mesmo falante no mesmo trecho do discurso, e se possível com os mesmos itens lexicais ou em construções paralelas”<sup>4</sup>.

(7) *A gente* teve uma missa, né? *Nós* tivemos uma missa aqui no colégio. O padre foi até muito brincalhão com a gente. *A gente* achou tudo bonitinho e tal. Foi ótima a festa. *A gente* dançou, *nós* dançamos a valsa aqui no colégio na quadra. Fo foi excelente a festa. Teve bolo, essas coisas toda. *A gente* bateu muito retrato. (8; 45-48; DSC)

No exemplo, o falante escolhe *a gente* (primeira referência) para nomear seus colegas de colégio, incluindo-se nesse contexto. Na sequência do discurso, utiliza a forma *nós* precedida de *a gente*. Posteriormente, utiliza duas vezes o *a gente*, o primeiro precedido de *nós* e o segundo antecedido por *a gente* (repete a forma). Por fim, emprega o *nós* antecedido de *a gente* e usa o *a gente* antecedido de *nós*.

### 3.3.2 Determinação do referente

A análise da *determinação do referente* tem se mostrado relevante em vários estudos sobre a variação *nós* e *a gente*. No português brasileiro, tais pronomes podem receber uma interpretação mais abrangente ou mais genérica, uma vez que são inseridos no eixo falante-ouvinte no plano do discurso. Segundo Lopes (1998, p. 419), “o falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu),

<sup>4</sup> No original: “(...) variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions (...)”.

ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]”. Quando o falante amplia a referência, indeterminando-a, há um maior favorecimento da forma inovadora *a gente*. Sendo assim, a ocorrência de *a gente* é maior em contextos de indeterminação do sujeito, uma vez que carrega traços menos marcados. Por outro lado, o pronome *nós* é favorecido em contextos de determinação.

Tratando da variável *determinação do referente*, os resultados apresentados nos estudos de Omena (1996), Lopes (1998) e Tamanine (2002) apontaram que o uso de *a gente* prevalece em contextos de maior indeterminação, enquanto que o pronome *nós* é mais frequente em contextos de referência específica, uma vez que o significado original de *a gente* ainda guarda traços semânticos de coletividade. Para os dados de Fortaleza, a hipótese aqui defendida é a de que a forma *a gente* seja preferida pelo falante para uma referência mais genérica e indeterminada. Baseamos nossa hipótese nos resultados obtidos por Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002), Borges (2004), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Araújo (2016), que demonstraram que a forma *a gente* é usada preferencialmente pelo falante para uma referência mais geral, indeterminada.

Lucchesi (2009) afirma que o uso dos pronomes que designam a primeira pessoa do plural contempla vários níveis de referencialidade, em que o falante pode incluir a si mesmo, o(s) ouvinte(s) e/ou outrem, como podem designar também referentes genéricos, como índice de indeterminação do sujeito, e mesmo referir-se ao próprio falante “eu”, exclusivamente.

Neste estudo, utilizamos a mesma codificação adotada por Lucchesi<sup>5</sup> (2009, p. 460) para controlar a variável *determinação do referente*.

- a) Eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico]
  - (8) *Nós* tamos brincando, né? Aí eles me derrubam no chão. [2; 484; DSC]
- b) Eu [+/- específico]
  - (9) *A gente* sobrecarrega trabalhando, faz três expediente. [6; 15; DSC]
- c) Indeterminação circunscrita [- específico]
  - (10) Não, não, dava o maior apoio, *nós* damos o maior apoio pra ela. [3; 320; DSC]
- d) Indeterminação universal [- específico]

---

<sup>5</sup> O *corpus* da pesquisa de Lucchesi (2009) é constituído de uma amostra de fala de 24 entrevistas, realizadas com moradores de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas de quatro diferentes regiões do Estado da Bahia, no período de 1992 a 2002. Todos os informantes tinham pouca ou nenhuma escolaridade.

(11) Que *a gente* deve agradecer tudo que Deus quer a Deus. [5; 53; DSC]

Em (8), o falante usa o pronome *nós* para fazer referência a pessoas específicas, identificáveis através do discurso, cuja referência inclui o falante (eu) e os ouvintes ou outras pessoas. No exemplo, o entrevistado usa o pronome *nós* para referir-se exclusivamente a ele e aos seus irmãos. Em (9), o falante faz uso da forma *a gente* para fazer referência apenas a si mesmo. Já em (10), a referência dos pronomes amplia-se e o uso da forma canônica *nós* torna-se mais abrangente, em que se encontra a referência genérica circunscrita ao grupo/comunidade do falante, ou seja, o falante emprega o pronome *nós* para se referir ao grupo de trabalho ao qual pertence, incluindo-se nesse contexto. No exemplo (11), a referência é totalmente genérica, já que o falante usa a forma *a gente* para se referir às pessoas de um modo geral, o que torna impossível a identificação de um referente específico (indeterminação universal).

### 3.3.3 *Tempo verbal/ formas nominais*

Diversos estudos variacionistas envolvendo a variação *nós* e *a gente* (OMENA, 1996; LOPES, 1998; ARAÚJO, 2016, entre outros) apontam a relevância da variável *tempo verbal* para a investigação do fenômeno. Os resultados dessas pesquisas evidenciam, de maneira bastante sistemática, que a escolha que o falante faz de uma das duas formas é fortemente influenciada pelo tempo verbal.

Omena (1996) e Lopes (1998) observaram que os tempos verbais mais marcados, como o Pretérito Perfeito e o Futuro, impulsionam o uso do pronome padrão *nós*. Por sua vez, os tempos menos definidos, como o Presente e o Pretérito Imperfeito, mostram-se mais favoráveis ao uso de *a gente*, sendo categórico o seu uso com gerúndio e altamente favorecido com o infinitivo.

Segundo Fernandes e Görski (1986), a desinência número-pessoal *-mos* de primeira pessoa do plural tem assumido a função de morfema de pretérito, em oposição ao morfema  $\emptyset$  de presente. Assim, pressupõe-se que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no tempo pretérito, enquanto a forma pronominal *a gente* se vincula a verbos no tempo presente. Isso se justifica pelo fato de a primeira pessoa do plural apresentar a mesma forma tanto para o presente como para o pretérito perfeito (*nós amamos* = presente e *nós amamos* = pretérito perfeito), o que leva o falante a usar *a gente* como uma forma de evitar essa ambiguidade temporal (*a gente ama* = presente e *a gente amou* = pretérito

perfeito).

A partir dos resultados evidenciados nas pesquisas citadas em relação à variável *tempo verbal* na análise da variação *nós* e *a gente*, nossa hipótese é a de que o Presente e o Pretérito Imperfeito favoreçam o uso de *a gente*, ao passo que o Pretérito Perfeito e o Futuro impulsionem o uso do pronome canônico *nós*.

Com base no que mencionamos acima, os seguintes tempos verbais e formas nominais foram controlados:

1. Presente do Indicativo e do Subjuntivo
2. Pretérito Imperfeito do Indicativo e do Subjuntivo
3. Pretérito Perfeito do Indicativo
4. Futuro do Presente e do Pretérito do Indicativo
5. Futuro do Subjuntivo
6. Gerúndio
7. Infinitivo

### ***3.3.4 Posição do sujeito em relação ao verbo***

A variável *posição do sujeito em relação ao verbo* diz respeito à ordem dos constituintes nas sentenças. A sintaxe da língua portuguesa admite as ordens sujeito-verbo e verbo-sujeito, sendo que, na língua portuguesa, é mais frequente o sujeito ser anteposto ao verbo. Já a ocorrência de sujeito posposto ao verbo está restrita a contextos sintáticos bem marcados.

No que concerne à posição que os pronomes ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem, de modo geral há uma tendência de que fiquem antepostos ao verbo, mas também podem aparecer na posição pós-verbal.

Diversos trabalhos empíricos variacionistas demonstraram a relevância da variável *posição do sujeito em relação ao verbo* no que se refere à concordância verbal. Lemle e Naro (1977), Lira (1986) e Monguilhott (2001) apontaram que a probabilidade de concordância verbal com sujeitos em posição pós-verbal é muito menor do que com sujeitos pré-verbais. Dito isso, o objetivo de nosso estudo é focalizar apenas a posição do sujeito em relação ao verbo, sem, no entanto, tratar da concordância verbal.

Nesta pesquisa, esperamos que a posição do pronome em relação ao verbo possa nos indicar se há favorecimento de uma das duas formas, *nós* e *a gente*, dependendo de sua posição em relação ao verbo. Dessa forma, nossa hipótese é a de que a variante *a gente* seja

mais frequente na posição anteposta ao verbo, semelhantemente ao que ocorre com os pronomes no português atual.

Para testar a influência da variável *posição do sujeito em relação ao verbo*, estabelecemos três fatores, levando-se em consideração a posição do sujeito em relação ao verbo dentro de uma única frase:

a) Sujeito imediatamente anteposto ao verbo (um após o outro)

(12) *A gente* sai em grupos pra casa de amigos. [12; 604; DSC]

b) Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes:

(13) *Nós* hoje tamos melhor. [5; 13; DSC]

c) Sujeito posposto ao verbo

Convém mencionar que em nossa amostra não foram encontradas ocorrências com sujeito posposto ao verbo. A apresentação em maior detalhamento no que se refere à apresentação e análise dos resultados obtidos do grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* encontra-se exposta na seção 4.

### 3.3.5 *Sexo*

Diversos estudos de cunho variacionista já evidenciaram a influência do fator *sexo* na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres, demonstrando uma preferência do sexo feminino pelas variantes de prestígio. Para Labov (2001), em situações de variação estável, as mulheres tendem a usar as formas mais prestigiadas socialmente e os homens têm demonstrado preferência pelas variantes não padrão. Em caso de mudanças linguísticas em curso, os papéis se invertem e as mulheres utilizam mais as formas inovadoras e, portanto, desempenham o papel de propulsoras da mudança. No que se refere às reflexões sobre a relação entre sexo e variação linguística, Labov (2008, p. 347) pondera e diz que “seria um grave erro formular o princípio geral de que as mulheres sempre lideram o curso da mudança linguística”.

Corroborando a assertiva do autor, Paiva (2004) diz que as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança quando se trata de implementar na língua uma nova forma prestigiada socialmente. No entanto, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, os papéis se invertem e as mulheres passam a assumir uma atitude

conservadora e os homens tomam a liderança do processo. A autora cita a pesquisa de Fischer (1958), intitulada *Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant*, como o primeiro estudo a constatar a influência do fator sexo sobre uma variável linguística. Em seu estudo, Fischer (1958) analisou o fenômeno variável sobre as terminações verbais - *ing* e - *in* do inglês e verificou que o uso da variante - *ing*, forma prestigiada, era mais frequente entre mulheres do que entre homens.

Apesar de muitas pesquisas mostrarem a liderança das mulheres nos processos de mudança linguística, estudos mais recentes, como o de Freitag (2015), propõem rediscutir a variável *sexo* nos estudos de vertente sociolinguística brasileiros. Para Freitag (2015, p. 21):

O cenário dos papéis da mulher na sociedade, hoje, é bem diferente do que era ao início da década de 1980, quando se começaram a plantar as primeiras sementes sociolinguísticas no Brasil, com o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), grupo liderado por Antony Naro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No entanto, no cenário da pesquisa sociolinguística, especificamente quanto ao gênero, as pesquisas no Brasil continuam se apoiando naquilo que alguns pesquisadores denominam de “hipóteses clássicas”.

Com isso, a autora critica o fato de os resultados de muitos estudos sociolinguísticos brasileiros trazerem generalizações acerca da relação da mulher com a variedade de prestígio e o seu papel na mudança linguística e propõe um debate sobre o papel social das mulheres na sociedade nos dias atuais. Segundo a autora, a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas está ultrapassada, haja vista que hoje o papel social atribuído às mulheres de mães e educadoras não é mais pertinente e necessita ser mudado.

Paiva (2004) destaca que a análise da correlação entre o uso linguístico de determinada variante e o sexo/gênero do falante deve considerar a forma de organização social da comunidade de falantes e as mudanças ocorridas no papel social do homem e da mulher na sociedade. A autora destaca ainda a importância de se considerar o valor social das variantes.

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. (PAIVA, 2004, p. 35).

Com base na revisão da literatura, especialmente os resultados de Lopes (1993), Silva (2004) e Nascimento (2013), formulamos a hipótese de que o uso da variante inovadora *a gente* é mais frequente entre os falantes do sexo feminino.

Os resultados da variável *sexo* são apresentados na seção de análise.



### 3.3.6 Faixa etária

A variável *faixa etária* dos informantes tem se mostrado um grupo de fatores de grande relevância na análise sociolinguística dos processos de variação e mudança, já que, segundo Naro (2003, p. 44), com base na hipótese clássica da abordagem em tempo aparente, “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”. Assim, é possível olhar o presente para projetar o futuro, a fim de verificar se o fenômeno em estudo se trata de uma mudança em tempo aparente, pois, conforme postula Labov (1994), a mudança em tempo aparente refere-se à predominância de uma das variantes nos grupos mais jovens.

Lucchesi (2012, p. 796) resenha a elaboração de Labov (1994) acerca da relação entre língua e faixa etária e destaca que o autor “reconhece, com o conceito de gradação etária, a possibilidade de o indivíduo alterar o seu comportamento linguístico na fase adulta de sua vida”. A respeito dessa questão, Lucchesi (2012, p. 796) faz os seguintes questionamentos:

A questão que se coloca então é: *que aspectos da estrutura linguística se mantêm constantes após se sedimentarem na adolescência e quais podem ter seus valores alterados ao longo da fase adulta?* Sem uma teoria da competência linguística que possa fazer algum tipo de predição sobre essa questão (até mesmo para orientar pesquisas empíricas nesse sentido), a abordagem em tempo aparente fica seriamente comprometida.

Nessa direção, Freitag (2005, p. 110) argumenta que “somente observação de um fenômeno em tempo aparente não permite identificar se trata-se de uma mudança em progresso ou não”, ou seja, o pesquisador necessita atentar para a possibilidade da atuação simultânea de outras forças sobre o fenômeno em estudo. Para dar respaldo à sua afirmação sobre a análise da mudança em tempo aparente, a autora reporta-se ao trabalho de Eckert (1997), segundo o qual considerar o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos pode levar a interpretações equivocadas entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária:

Isso porque, de acordo com Eckert (1997), o comportamento linguístico de todos os indivíduos muda no decorrer de sua vida. E as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças linguísticas históricas. São mudanças decorrentes da história do indivíduo. Nascemos, crescemos, nos tornamos adultos, envelhecemos. A cada etapa do ciclo vital, mudanças de ordem biológica e social ocorrem e refletem também na sua língua, é o que Eckert denomina de *curso da vida linguística*. A aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Logo, a faixa etária não pode ser encarada

como um fator simples. Ao contrário, é extremamente complexo, e é preciso muita atenção ao interpretar os resultados de um fenômeno de mudança em função das faixas etárias. (FREITAG, 2005, p. 111).

Nossa hipótese associada à faixa etária é a de que haja um favorecimento da forma inovadora *a gente* pelos falantes mais jovens, apresentando maior percentual de uso, conforme comprovaram os resultados de Omena (1996) e Lopes (1998).

Na seção 4, será dada exposição à variável *faixa etária*, por meio da apresentação e análise dos dados obtidos.

### 3.4 Dados desconsiderados

O presente estudo excluiu da análise da variação *nós* e *a gente* os seguintes tipos de dados encontrados na amostra estudada:

a) Os casos com os pronomes *nós* e *a gente* implícitos, já que a flexão verbal pode não ser suficiente para identificar a pessoa do discurso:

(14) (...) Ø **passemos** mais de uma hora parado. [1; 316; DSC]

b) Pronomes *nós* e *a gente* não acompanhados de forma verbal:

(15) Hoje no meu caso meu salário ficou foi mais achatado, porque eu antes do do anterior **a gente**/ as coisa aumentava, mas o salário da gente era semestral. [6; 76; DSC]

c) Pronomes *nós* e *a gente* que não desempenhavam a função de sujeito:

(16) Mas, Francisca, por que você fez isso, por que você num chamou **nós**? [5; 866; DSC]

### 3.5 O programa estatístico GoldVarb X

Com o fito de analisar a influência dos fatores linguísticos e sociais na aplicação da regra de alternância dos pronomes *nós* e *a gente*, na função de sujeito, empregamos o pacote de programas computacionais GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), um modelo estatístico que realiza estudos sociolinguísticos quantitativos em análise de regra variável.

O GoldVarb X é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas Varbrul para análise estatística de dados linguísticos, sob a perspectiva da Sociolinguística quantitativa laboviana. Do pacote de programas do GoldVarb X, utilizamos neste estudo apenas os programas CHECKTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB – denominações do

Varbrul em sua versão anterior ao GoldVarb, versão para Windows –, usados para fazer uma análise de regra variável de fenômenos binários.

O GoldVarb, por meio de cálculos estatísticos, trabalha com a análise de pesos relativos na forma binária, ou seja, com as duas variantes do fenômeno linguístico estudado. O programa seleciona as variáveis em função de um valor estatístico denominado *nível de significância*. Os pesos relativos variam de 0 a 1, sendo que o ponto neutro é de 0.50, cujos valores não favorecem nem desfavorecem a aplicação da regra. Assim, os valores probabilísticos próximos a 0.50 são considerados como desfavorecedores à ocorrência da variante analisada; já os valores acima de 0.50 são favorecedores do fenômeno em estudo.

Se durante a execução do arquivo de células ocorrer nocautes, que é um índice percentual de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente, inviabilizará o prosseguimento dos dados para serem submetidos pelo GoldVarb. O nocaute indica que há fator que não apresenta comportamento variável. Surge então a necessidade de o pesquisador realizar a amalgamação de fatores, para permitir a execução do programa.

Após a apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo, a seção 4 descreve a distribuição das formas *nós* e *a gente* na comunidade de fala de Fortaleza dos anos 1980 e apresenta a análise dos resultados obtidos a partir da análise dos fatores linguísticos e sociais na aplicação da regra em nossos dados.

### **3.6 O envelope de variação**

Tarallo (1990, p. 33) chama de *envelope de variação* a descrição detalhada das variantes. Nosso envelope de variação é constituído pelas variantes *nós* e *a gente* na representação da primeira pessoa do plural na função de sujeito explícito, que constitui a variável dependente, e por seis variáveis independentes: quatro linguísticas (paralelismo formal, determinação do referente, tempo verbal/ formas nominais e posição do sujeito em relação ao verbo) e duas sociais (sexo e faixa etária).

### **3.7 A variável dependente**

A variável dependente deste estudo é constituída pelos pronomes pessoais de 1ª pessoa do plural *nós* e *a gente*, na função sintática de sujeito explícito, conforme podemos verificar nos exemplos abaixo retirados de nosso *corpus*:

- (17) A **gente** num tem essas palhas assim, **a gente** corta e fica só o o coisa, né? **A gente** vai, corta, corta, aí faz um cavalinho, corta assim ó, aí faz as orelhas e aqui no coisa. [2; 390-391; DSC]
- (18) Dia do Professor também tem, **a gente** faz festa, é surpresa, quando a professora chega tá tudo arrumado, **a gente** canta os parabéns. [4; 306-307; DSC]
- (19) Eu nunca vi uma Fortaleza tão abandonada como tá esses últimos dois anos, tá uma cidade aí que se houver um inverno/ (+) lembra que equivalente ao ano ano passado **nós**/ vai ser uma coisa triste porque **a gente** vive numa cidade suja. [6; 278; DSC]
- (20) **Nós** vamos falar com ele, né? Vamo pedir, vamo ouvir o que ele vai dizer. [17; 138; DSC]

### 3.8 As variáveis independentes

Para a realização deste estudo, escolhemos quatro variáveis linguísticas e duas sociais, por acreditarmos que exerçam influência na escolha das formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, em nosso *corpus*. As variáveis linguísticas consideradas em nossas análises foram *paralelismo formal*, *determinação do referente*, *tempos verbais/ formas nominais* e *posição do sujeito em relação ao verbo*. Quanto às variáveis sociais, testamos *sexo* e *faixa etária*.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS DE FORTALEZA

Na presente seção são apresentados e discutidos os resultados quantitativos obtidos nas rodadas do pacote de programas computacionais GoldVarb X referentes à variação no uso das formas pronominais *nós* e *a gente* na representação da primeira pessoa do plural na fala de Fortaleza dos anos 1980. Os resultados são discutidos à luz da perspectiva teórico-metodológica variacionista que fundamentou nossa pesquisa e comparados com os resultados alcançados em outros estudos que abordaram o mesmo fenômeno linguístico analisado aqui (OMENA, 1986, 1996; LOPES, 1993, 1998; SILVA, 2004; BORGES, 2004; NASCIMENTO, 2013; ARAÚJO, 2016, entre outros).

Os resultados do programa estatístico são apresentados em subseções. A primeira subseção trata dos resultados da rodada geral com as variantes *nós* e *a gente*, foco da análise proposta neste estudo. Na sequência, apresentamos os resultados em percentual e peso relativo para as variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa, adotando-se a variante *a gente* como valor de aplicação para a análise variacionista. Os resultados somente em percentuais de uso são apresentados para as demais variáveis não selecionadas pelo programa.

### 4.1 A distribuição geral das formas *nós* e *a gente* no falar de Fortaleza

O percurso para se chegar aos resultados desta subseção se deu a partir das etapas metodológicas elencadas na seção anterior que trata da metodologia. Para esta fase final da pesquisa, foram selecionados dezesseis inquéritos do *corpus* de fala do Projeto Dialetos Sociais Cearenses - DSC: oito informantes de 10 a 19 anos (quatro homens e quatro mulheres) e oito informantes de 20 a 42 anos (quatro homens e quatro mulheres).

A primeira rodada realizada considerou as formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito explícito e suas respectivas realizações (*nós* com *-mos*, concordância plural; *nós* sem *-mos*, não concordância; *a gente* com *-mos*, não concordância; *a gente* sem *-mos*, concordância singular) como variantes de uma mesma variável, conforme exemplos a seguir:

#### a) *Nós* com *-mos*

(21) Então aí **nós** saímos daqui, e ele começou a ficar furioso. [3; 686; DSC]

#### b) *Nós* sem *-mos*

(22) **Nós** vivia aqui dentro numa lama. [5; 102; DSC]

c) *A gente* com *-mos*

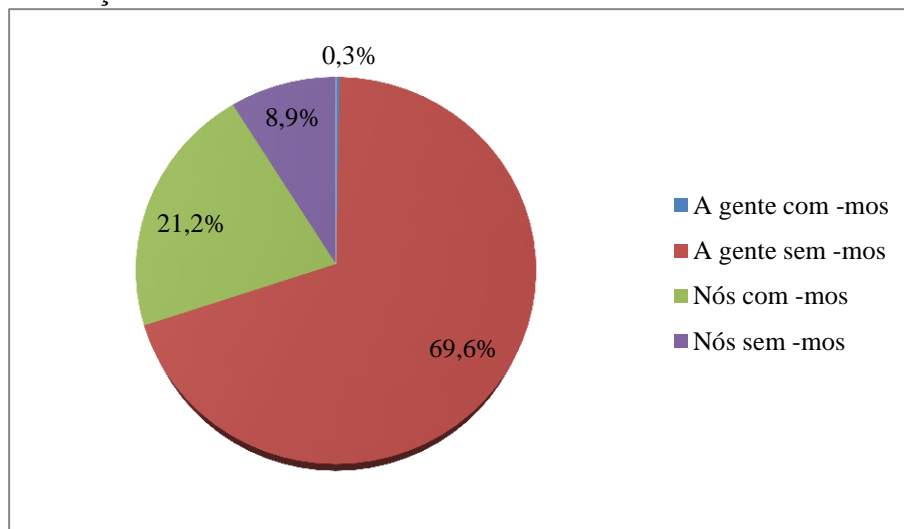
(23) É, aí pinta assim de carvão, sabe? Aí **a gente** vamos brincar de cavalo. [2; 400; DSC]

d) *A gente* sem *-mos*

(24) **A gente** se encontrou lá uma noite assim e tal, trocamos umas ideias, **a gente** saiu, né? [13; 839; DSC]

Quanto aos resultados obtidos a partir da análise estatística com *nós* e *a gente* e todas as suas realizações, nossa amostra apresentou um total de 292 ocorrências da variação das referidas formas pronominais no falar popular de Fortaleza dos anos 1980. Como já dissemos, em nossos dados foram identificadas 4 possibilidades utilizadas pelo falante para representar a primeira pessoa do plural, na função de sujeito explícito: *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos*, *a gente* com *-mos* e *a gente* sem *-mos*. A análise geral dos dados mostrou um maior uso da forma *a gente*, quando comparado ao da forma *nós*. Das 292 ocorrências, 203 são de *a gente* sem *-mos* (69,6%), apenas 1 ocorrência de *a gente* com *-mos* (0,3%), 62 casos de *nós* com *-mos* (21,2%) e 26 casos de *nós* sem *-mos* (8,9%), conforme mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição geral do uso de *nós* e *a gente* e suas possíveis realizações



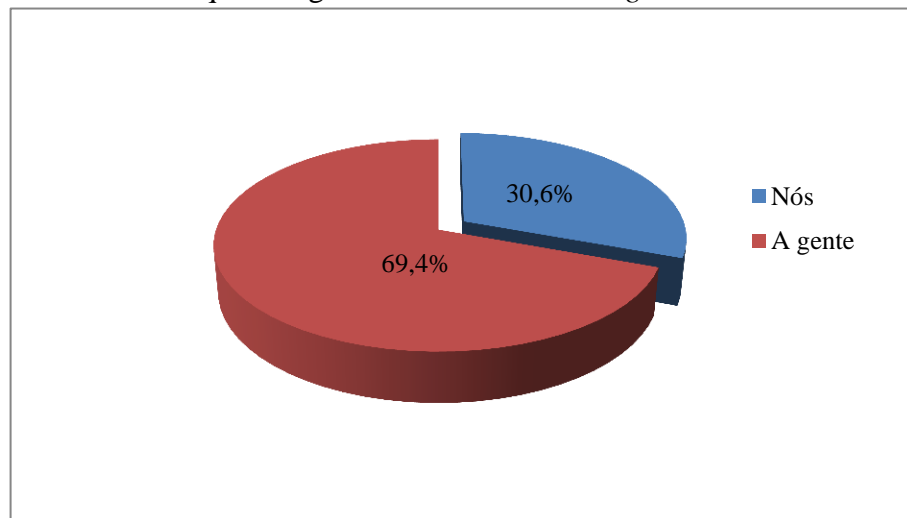
Fonte: dados da pesquisa.

Como o objetivo desta pesquisa é investigar a alternância das variantes *nós* e *a gente* – e não o controle da concordância verbal –, optamos, assim, por amalgamar as formas variantes *a gente* sem *-mos*, *a gente* com *-mos*, *nós* com *-mos* e *nós* sem *-mos*, considerando

somente a alternância das formas *nós* e *a gente* como variáveis dependentes, objeto desta pesquisa.

Já na primeira rodada do GoldVarb X, constatamos nocaute no grupo de fatores tempo verbal/formas nominais, pois foi categórico o uso da forma *a gente* (100% das ocorrências) para os fatores *futuro do presente do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo* e *gerúndio*. Por apresentarem nocautes, foram excluídos de nossa análise. Após a exclusão desses fatores, restaram 288 ocorrências, sendo 200 de *a gente* e 88 de *nós*, o que corresponde a um percentual de 69,4% e 30,6%, respectivamente, como ilustra o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Frequência geral das formas *nós* e *a gente* sem os nocautes



Fonte: dados da pesquisa

Os resultados gerais sobre a distribuição das formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, confirmaram a nossa hipótese inicial de que há variação dessas formas no *corpus* de fala estudado. Cumpre salientar que foram consideradas para análise apenas as ocorrências em que *nós* e *a gente* exercem a função de sujeito explícito. Como era de se esperar, os resultados indicaram uma frequência maior da forma inovadora *a gente* (200 do total de 288 ocorrências, 69,4% dos casos) em detrimento do pronome canônico *nós* (88 do total de 288 ocorrências, 30,6% dos casos), em termos de percentual de uso.

Resultados semelhantes aos nossos quanto ao uso crescente da forma *a gente* no português brasileiro podem ser encontrados em muitos estudos que focalizam a variação pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* (cf. VIANNA; LOPES, 2015). Na comparação entre os resultados obtidos neste estudo e os percentuais encontrados em outras pesquisas de cunho variacionista sobre o mesmo fenômeno (OMENA, 1986, 1996; SEARA,

2000; FERNANDES, 2004; MENDES, 2007; MATTOS, 2013; ARAÚJO, 2016; CARVALHO; FAVACHO; FREITAS, 2020, entre outros), verifica-se que a comunidade de fala constituída de falantes fortalezenses apresenta a mesma tendência de preferência pela forma *a gente*, em que o pronome inovador suplanta o uso da forma mais antiga *nós* como referência à primeira pessoa do plural.

Vejamos, na Tabela 1, os percentuais de frequência de uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito nos estudos supracitados, cujos resultados confirmam um favorecimento da forma inovadora *a gente* na posição de sujeito em relação à forma canônica *nós*.

Tabela 1 – Frequência de uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, segundo alguns estudos variacionistas já realizados sobre a variação *nós* e *a gente* no português brasileiro

| <b>Estudos sobre a variação <i>nós</i> e <i>a gente</i> no português brasileiro, na posição de sujeito</b> | <b>Localidade da pesquisa</b> | <b>A gente<br/>Frequência de uso</b> | <b>Nós<br/>Frequência de uso</b> |
|--|-------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|
| Omena (1986, 1996)   | Rio de Janeiro                | 73%                                  | 27%                              |
| Seara (2000)   | Florianópolis                 | 72%                                  | 28%                              |
| Fernandes (2004)   | João Pessoa                   | 79%                                  | 21%                              |
| Mendes (2007)  | Bahia                         | 93%                                  | 7%                               |
| Mattos (2013)  | Goiás                         | 77%                                  | 23%                              |
| Araújo (2016)  | Fortaleza                     | 66%                                  | 34%                              |
| Carvalho, Favacho e Freitas (2020)   | Fortaleza                     | 60,7%                                | 39,3%                            |
| Nossa pesquisa (2020)  | Fortaleza                     | 69,4%                                | 30,6%                            |

Fonte: elaborada pela autora.

Ao analisar a tabela acima, percebemos que os nossos resultados em percentuais para o uso das formas *nós* (30,6%) e *a gente* (69,4%), na função de sujeito explícito, ressaltadas as diferenças entre a constituição de cada amostra investigada, ano em que os dados foram coletados, perfil dos informantes, fatores controlados em cada uma das amostras e número de ocorrências, apresentam resultados semelhantes aos das pesquisas de Omena (1986, 1996), Seara (2000), Fernandes (2004), Mendes (2007), Mattos (2013), Araújo (2016) e Carvalho, Favacho e Freitas (2020), que apontam um favorecimento da forma inovadora *a gente* em detrimento da forma conservadora *nós*, na representação da primeira pessoa do plural.

Voltando o nosso olhar mais especificamente para Fortaleza - Ceará, resultados semelhantes aos nossos foram encontrados na pesquisa realizada por Araújo (2016), intitulada *Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza*, em que o autor constatou uma maior probabilidade de uso da forma *a gente*, com



frequência de uso de 66% na posição de sujeito, assemelhando-se aos nossos resultados gerais, que mostraram que a forma *a gente* aparece em 69,4% das ocorrências.

A pesquisa de Araújo (2016), em uma sincronia dos anos 2000, utilizou uma amostra constituída por 53 informantes do NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), um banco de dados composto por gravações realizadas de agosto de 2003 a julho de 2006, com informantes com até 11 anos de escolaridade. Cabe salientar que os resultados de Araújo (2016) para a forma *a gente*, que apresentaram um percentual de 66% (cf. Tabela 1), são de sujeito explícito e implícito. Quando o autor analisa apenas as ocorrências de *a gente* explícito na função de sujeito, o percentual aumenta para 70,7%, o que indica um alto percentual de *a gente*, seguindo a mesma tendência verificada em nosso estudo com dados do *corpus* DSC.

Os resultados de outro estudo acerca da alternância das formas *nós* e *a gente* na fala de Fortaleza, na função de sujeito explícito, podem ser encontrados na pesquisa de Carvalho, Favacho e Freitas (2020). Para a pesquisa, as autoras selecionaram 35 informantes do Projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), na fala de informantes com graduação completa, em uma sincronia dos anos 1990. Os resultados, em um recorte binário, indicaram um favorecimento para o uso da forma *a gente* sem *-mos* (60,7%), concordância singular, em contraposição ao uso do pronome *nós* sem *-mos*, concordância plural (39,3%).

Embora em sincronias diferentes e com informantes de escolaridades distintas, mas com foco no falar de Fortaleza, os resultados do estudo de Araújo (2016), os de Carvalho, Favacho e Freitas (2020) e os nossos apresentam a mesma tendência de maior uso de *a gente*, com frequências de 66%, 60,7% e 69,4%, respectivamente. Esses dados também seguem a tendência já atestada em outros estudos (OMENA, 1986, 1996; SEARA, 2000; MENDES, 2007; FERNANDES, 2004; MATTOS, 2013), os quais evidenciam um maior favorecimento para a variante inovadora *a gente*.

#### **4.2 As variáveis linguísticas e sociais selecionadas**

Esta análise, com base nas 288 ocorrências levantadas acerca dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra estudada, controlou quatro fatores linguísticos (paralelismo formal, determinação do referente, tempo verbal/formas nominais e posição do sujeito em relação ao verbo) e dois fatores sociais (sexo e faixa etária).

A rodada estatística, com peso relativo, selecionou três grupos de fatores como significativos para o fenômeno em estudo, na seguinte ordem de significância (*Input*: .803 e

Significância: .010): *determinação do referente, sexo e paralelismo formal*. Diante disso, apresentamos neste estudo apenas os resultados percentuais para as demais variáveis analisadas.

#### 4.2.1 Determinação do referente

A *determinação do referente* foi a primeira variável selecionada como relevante na última rodada feita pelo GoldVarb X. Segundo algumas pesquisas variacionistas (OMENA, 1996; LOPES, 1998; TAMANINE, 2002; BORGES, 2004; LUCCHESI, 2009; NASCIMENTO, 2013; ARAÚJO, 2016), observamos que a forma *a gente* é mais usada quando o referente é genérico, indeterminado, ao passo que a referência determinada favorece o pronome *nós*.

No que se refere à variável *determinação do referente*, a hipótese defendida no presente trabalho é a de que a forma *a gente* seja preferida pelos falantes de Fortaleza para uma referência mais genérica, indeterminada. Os resultados percentuais gerais dessa variável podem ser vistos na Tabela 2.

Tabela 2 – Efeito da variável *determinação do referente* sobre o uso de *a gente*

Nível de significância: .010

| Determinação do referente                  | A gente            |      |      |
|--|--------------------|------|------|
|  | Ocorrências/ Total | %    | P.R. |
| Eu [+/- específico]                        | 90/93              | 96,8 | .862 |
| Indeterminação universal [- específico]    | 15/18              | 83,3 | .574 |
| Indeterminação circunscrita [- específico] | 62/102             | 60,8 | .323 |
| Eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico]   | 33/75              | 44   | .209 |
| Total                                      | 200/288            | 69,4 | -    |

Fonte: dados da pesquisa.

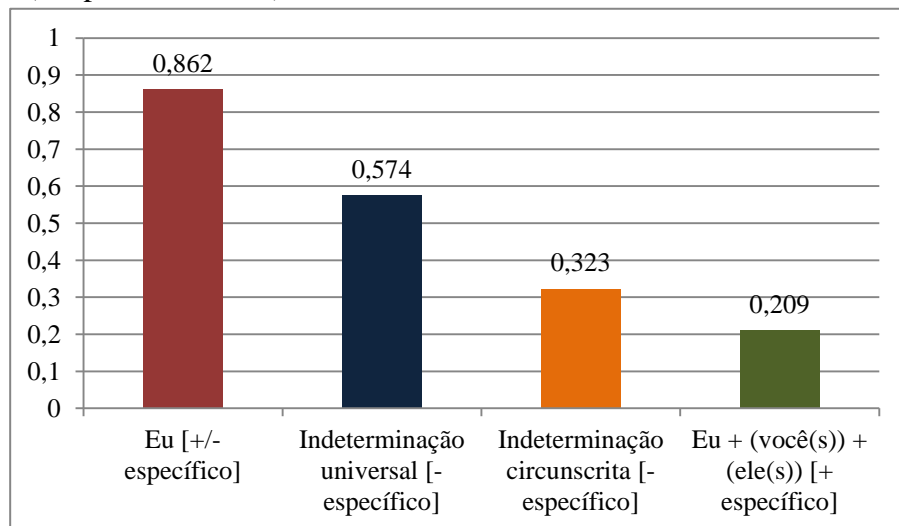
Das 288 ocorrências, 200 foram da forma *a gente*. Como se pode ver na tabela acima, os resultados em percentuais e pesos relativos obtidos em nossos dados referentes à ação da variável *determinação do referente* no uso da forma *a gente* revelaram um uso maior de *a gente* no contexto de referência ao próprio falante, com traço [+/- específico] e indicando a primeira pessoa do discurso [eu] (.862). Já os números atribuídos aos fatores *indeterminação universal* (.574) e *indeterminação circunscrita* (.323), ambos de caráter genérico e [- específico], indicaram que a referência genérica favorece o uso de *a gente*, o que também já foi atestado nos resultados de outros estudos, como os de Omena (1996), Lopes

(1998), Tamanine (2002), Borges (2004), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Araújo (2016), uma vez que, em todas essas pesquisas, a forma *a gente*, em relação a *nós*, destacou-se em contextos de referência indeterminada. Omena (1996) chega à mesma conclusão, quando demonstra que, na concorrência entre as duas formas, *a gente* continua a ser preferida pelo falante para a referência mais geral, indeterminadora, fato esse, segundo a autora, comprovado pela dificuldade de detectar se o falante está se referindo à primeira pessoa do singular ou do plural. Já o fator *eu + (você(s)) + (ele(s))* [+ específico], de caráter mais específico e determinado, tem efeito desfavorecedor sobre o uso de *a gente*, com peso relativo de .209, resultado que evidencia a tendência ainda marcante que tem o falante de usar o pronome *nós* em contextos referenciais determinados.

Os resultados do fator *indeterminação universal* (.574) associados aos do fator *indeterminação circunscrita* (.323) atestam um favorecimento para o uso de *a gente* no contexto de referência genérica, indeterminada. Assim sendo, a hipótese de que a forma *a gente* tende a ser mais usada pelo falante para uma referência mais genérica e indeterminada se concretizou em nossos dados.

O Gráfico 3 ilustra de forma mais nítida a atuação da variável *determinação do referente* no uso de *a gente* (pesos relativos):

Gráfico 3 – Atuação da *determinação do referente* no uso de *a gente* (em pesos relativos)



Fonte: dados da pesquisa.

Resultado semelhante ao nosso que mostra um uso mais expressivo de *a gente* como forma de referência ao próprio falante foi encontrado por Mendonça (2012) na análise do uso de *nós* e *a gente* na fala de moradores de Vitória. O pesquisador coletou 1.745

dados de *nós* e *a gente*, provenientes de entrevistas pertencentes ao Banco de Dados PORTVIX - UFES, dos quais 70,8% referem-se à forma *a gente*. Para o controle da variável referencialidade da forma *a gente*, Mendonça (2012) estipulou os seguintes fatores: a) referência ao próprio falante (eu); b) referência ao *eu + você*; c) referência ao *eu + você + não pessoa*; d) referência ao *eu + ele*; e) referência genérica e f) referência a *ele (a)*. Assim como em nossos dados, os resultados do estudo do autor demonstraram que a referência ao próprio falante (eu) favorece a forma *a gente* (.70). Os resultados encontrados na pesquisa de Mendonça (2012) corroboram os de Silva (2004) no que concerne ao favorecimento da forma inovadora *a gente* designando a primeira pessoa do singular, já que o estudo da referida autora obteve a probabilidade de uso de *a gente* de .76 nesse mesmo contexto.

O estudo de Mendonça (2012) aponta que a forma *a gente* vem atuando fortemente na primeira pessoa do singular (eu), sem, contudo, perder seus traços semânticos da forma original, que contribuem para a referência indeterminadora. Segundo o autor:

O fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, em Vitória, pode ser caracterizado como um processo de mudança em progresso, no qual a forma *a gente* se apresenta como inovadora, destacando-se como referência à primeira pessoa do singular, sem, contudo, deixar de fazer referência genérica. (MENDONÇA, 2012, p. 16).

Embora a forma *a gente* seja considerada de referência genérica e indeterminada, os resultados de estudos de tendência sobre a variação *nós* e *a gente* apontam um aumento significativo no uso de *a gente* designando referenciais específicos, determinados. Zilles (2002 *apud* BORGES, 2004) encontrou, no falar de Porto Alegre, os seguintes valores para o *a gente* específico: de 33% de frequência de uso na década de 1970, esse percentual passou para 51% na década de 1990. Omena (2003), para o Rio de Janeiro, também constatou um aumento na preferência por *a gente* com referência específica: de 67% na década de 1980, passou para 80% na década de 2000. Esses resultados apontam um progressivo aumento das frequências de uso de *a gente* com valor específico no português brasileiro. Tais resultados sugerem, portanto, que a forma *a gente* está penetrando cada vez mais no campo da determinação, espaço antes ocupado quase que exclusivamente pelo pronome canônico *nós*, confirmando, assim como Tamanine (2002) e Borges (2004), um aumento na frequência de uso da forma *a gente* no campo da determinação. Entretanto, isso não se confirma em nossos dados, já que a referência genérica favorece de forma expressiva o uso da forma inovadora *a gente*. Dos quatro fatores para a variável *determinação do referente*, três deles favoreceram o uso de *a gente*: um fator de referência [+/- específica], em que, nas palavras de Lopes (1998, p. 408), um pronome pode “tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o

seu referente”, ou seja, não se pode precisar se o falante se refere à primeira pessoa do singular ou do plural; e dois fatores de referência [- específica], indeterminada, que se mostraram da mesma forma favorecedores à variante *a gente*. Como mencionado anteriormente, o sentido determinado inibe a realização da forma *a gente* em nossa amostra dos anos 1980.

Carvalho, Favacho e Freitas (2020) analisaram em seu estudo o grupo de fatores *referência genérica/específica do pronome*, que controla a referência das variantes *nós* e *a gente*, com o objetivo de verificar se esse grupo de fatores exerce influência no uso dos pronomes sujeitos de primeira pessoa do plural, na função de sujeito explícito. Assim como em nosso estudo, as autoras tomaram como base o trabalho de Lucchesi (2009), considerando que as formas em estudo podem veicular, na posição de sujeito, desde referentes mais específicos e definidos – *eu* + (*você(s)*) + (*ele(s)*) [+ específico] –, até mesmo referentes totalmente genéricos e indeterminados, que se referem a qualquer ser humano – *indeterminação universal* [- específico]. Embora tomando como base o estudo de Lucchesi (2009) para o controle do grupo de fatores referência do pronome, em sua análise foram adotados apenas dois fatores: *referência genérica* e *referência específica*. Assim, os fatores *eu* + (*você(s)*) + (*ele(s)*) [+ específico] e *eu* [+/- específico] foram codificados como sendo de referência específica e como referência genérica os fatores *indeterminação circunscrita* [- específico] e *indeterminação universal* [- específico].

A partir da análise dos dados, verificou-se uma maior probabilidade de uso da forma *a gente*, na função de sujeito, designando referentes genéricos (.574), resultado que indica a mesma tendência já atestada em outros estudos, como em Omena (1996) e Seara (2000), de que a forma inovadora ainda guarda resquícios de seu significado lexical original, que designa referentes indeterminados e genéricos. Já os contextos de referência específica desfavorecem o emprego desse pronome, com peso relativo de .425.

Os resultados da pesquisa de Araújo (2016), com dados de Fortaleza do início dos anos 2000, também atestam um uso significativo de *a gente* no campo da referência genérica, indeterminada, com peso relativo de .727, enquanto o sentido específico inibe a regra (.441).

Como vemos, os resultados de nossa amostra da década de 1980, os da pesquisa de Araújo (2016) da década de 2000 e os do estudo de Carvalho, Favacho e Freitas (2020), com dados dos anos 1990, todos do falar de Fortaleza, mostram um uso mais recorrente de *a gente* em contextos de referência genérica.

A seguir, são apresentados os resultados para a variável *paralelismo formal*.

#### 4.2.2 Paralelismo formal

O grupo de fatores da variável *paralelismo formal* mostrou-se bastante significativo na análise, sendo selecionado em terceiro lugar pelo GoldVarb X em todas as subamostras. A hipótese que se relaciona ao paralelismo formal é a de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística na sequência discursiva (OMENA, 1986, 1996, 2003; LOPES, 1993; SCHERRE; NARO, 1993). Quanto às variáveis em estudo, especificamente a variável *a gente*, partimos da hipótese de que a escolha da primeira forma pronominal, na função de sujeito explícito, condicione os usos subsequentes, desencadeando, portanto, uma série de repetições da mesma forma linguística, como ilustra o *super token* a seguir:

(25) *A gente* compra vamos dizer uns meiões, aí o outro compra as camisa, aí *a gente* num vai deixar de jogar pra botar outro me/ vamos dizer um jogador melhor, né, mais novo, aí *a gente* quer brincar também, né? [18; 55-57; DSC]

Observando o exemplo 25, percebe-se que o informante faz uso da forma *a gente* na função de sujeito para se referir a ele mesmo e aos companheiros do time de futebol (1ª referência), mantendo a mesma forma nas proposições seguintes. No exemplo em questão, o princípio do paralelismo formal estaria atuando intimamente para a escolha da variante usada pelo falante, embora a tendência a repetir a mesma forma numa sequência discursiva nem sempre se confirme, como se vê no exemplo 26, extraído de nosso *corpus*:

(26) *Nós* somos pensionistas, *nós* somos/ *nós* tamos em defasagem, então *a gente* tem quer recorrer, pra ficar recebendo o um reajuste e vai ter direito ao décimo terceiro. [3; 850; DSC]

Com relação ao paralelismo formal, o exemplo 26 parece indicar que outros fatores de ordem pragmático-discursiva atuam na escolha do falante para a manutenção de formas semelhantes com propósitos discursivos específicos, e não apenas a mera repetição mecânica de formas semelhantes. Se o paralelismo formal fosse entendido apenas como uma repetição automática de formas, como explicar o exemplo acima? Deve-se deixar claro que não se pretende neste estudo aprofundar a discussão em torno dessa questão. Entretanto, entendemos que a atuação do paralelismo formal está condicionada a outros fatores de natureza sintática e discursiva. A respeito dessa questão, Borges (2004) deixa claro o seu posicionamento. Nas palavras do autor:

O fato de o uso de *a gente* ser favorecido quando precedido na oração anterior da mesma forma e do mesmo referente, não pode ser visto unicamente como um resultado do paralelismo formal, mas como uma associação de causas atreladas a fatores resultantes de diferentes aspectos linguísticos, sejam eles funcionais, discursivos, psicolinguísticos ou estilísticos. A motivação em torno do paralelismo, logo, não seria algo apenas superficial, mas decorrente de outros fatores (também de ordem subjacente) que atuariam na escolha das formas a serem utilizadas pelo falante. (BORGES, 2004, p. 135).

Apesar dessa constatação, o paralelismo formal tem-se mostrado um fator relevante para a análise de diversos fenômenos linguísticos, sendo muitas vezes selecionado como um dos condicionadores mais poderosos, como no caso deste estudo.

Os resultados de nosso estudo para a variável *paralelismo formal* são apresentados na Tabela 3 e no Gráfico 4:

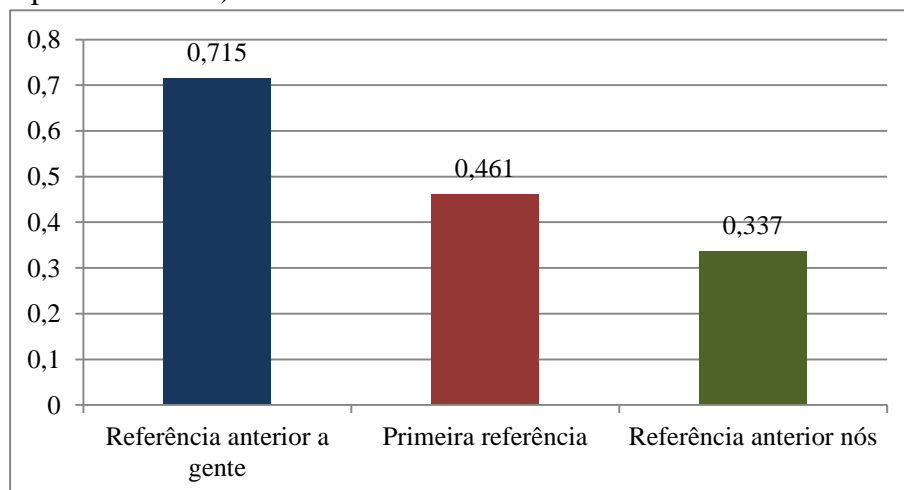
Tabela 3 – Atuação do *paralelismo formal* sobre o uso de *a gente*

Nível de significância: .010)

| Forma do pronome na oração anterior | A gente          |      |      |
|-------------------------------------|------------------|------|------|
|                                     | Nº de oc./ Total | %    | P.R. |
| Referência anterior <i>a gente</i>  | 48/56            | 85,7 | .715 |
| Primeira referência                 | 140/203          | 69   | .461 |
| Referência anterior <i>nós</i>      | 12/29            | 41,4 | .337 |
| Total                               | 200/288          | 69,4 | -    |

Fonte: dados da pesquisa.

Gráfico 4 – Influência do *paralelismo formal* no uso de *a gente* (em pesos relativos)



Fonte: dados da pesquisa.

Com base nos resultados obtidos, podemos observar que o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi a *referência anterior a gente*, independente do referente, com percentual de 85,7% e peso relativo de .715. Resultados semelhantes aos nossos foram

encontrados no estudo de Lucchesi (2009), muito embora o autor tenha analisado o *nós* ou sujeito não realizado e *a gente* ou sujeito não realizado com forma verbal não marcada e marcada, respectivamente, o que difere de nosso estudo, em que foram analisadas apenas as ocorrências das variantes na função de sujeito explícito. Os resultados de Lucchesi (2009) também revelam que a ocorrência do uso de *a gente* é fortemente favorecida quando o antecedente for *a gente* ou uma forma verbal não marcada (.70). No que se refere ao fator primeira referência, os números de nossa pesquisa apresentaram um peso relativo de .461 para o uso de *a gente*, próximo do ponto neutro, indicando que há uma pequena diferença no uso de *nós* e *a gente* nesse contexto. De modo semelhante, os dados de Lucchesi (2009) registraram um peso relativo de .47 para a forma *a gente*, quando se trata da 1ª referência de uma série.

Acerca do paralelismo formal, os resultados de alguns trabalhos sobre a variação *nós* e *a gente*, elencados ao longo deste estudo, apontam para o fato de que o uso de *nós* e *a gente*, numa sequência discursiva, é favorecido em contextos em que o antecedente formal for o mesmo. Na pesquisa de Omena (1996), os resultados indicam que a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior, com pesos relativos de .81 e .78 para adultos e crianças, respectivamente. Ela diminui quando se muda a referência (adultos e crianças: .65). Essa tendência foi confirmada no trabalho de Lopes (1993), nos casos em que a forma *a gente*, numa sequência discursiva, é precedida de outra forma *a gente*, o mesmo ocorrendo com o pronome *nós*, que tende a se repetir no paralelismo discursivo, quando a forma *nós* for precedida de uma oração introduzida por *nós* (.79). Borges (2004) também observou em seus dados de duas comunidades de fala, Jaguarão e Pelotas, que o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi o fator *a gente na oração anterior*, independente do referente (Jaguarão: .73 e Pelotas: .88), semelhante ao que ocorreu em nossos dados.

Como apontam os resultados de nosso estudo, se o falante usa a forma inovadora *a gente*, tende a manter o padrão e continua a usar a mesma forma, o que comprova que foi confirmada nossa hipótese de que o uso de *a gente* é maior em contextos com paralelismo.

Na seção seguinte, apresentamos uma análise da variável linguística *tempo verbal/formas nominais*.

#### **4.2.3 Tempo verbal/formas nominais**

Em outros estudos sincrônicos sobre a variação *nós* e *a gente* (OMENA, 1996;



LOPES, 1998; FRANCESCHINI, 2011; ARAÚJO, 2016, entre outros) verificou-se que o presente do indicativo e as formas nominais (infinitivo e gerúndio) favorecem o uso de *a gente*, ao passo que o futuro e o pretérito perfeito são condicionantes ao uso de *nós*.

Para Fernandes e Gorski (1986), o fato de o presente e o pretérito perfeito do indicativo terem a mesma forma na 1ª pessoa do plural fez com que a desinência *-mos* passasse a ser mais utilizada pelo falante para marcar o tempo pretérito. Assim, pressupõe-se que o pronome *nós* seja mais frequente com verbos no tempo pretérito e a forma *a gente* seja mais empregada no presente do indicativo. Segundo Lopes (1998, p. 420):

Com a forma *a gente* o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior, por isso o falante utiliza o pronome *nós* que, embora também possa englobar o elemento *alia*, possui um caráter mais específico e determinado, daí a sua presença em ambientes linguísticos em que o referente é identificável e conhecido e o tempo verbal é o pretérito (característico da narração de fatos reais).

De acordo com Lopes (1993), a relação tempo verbal/pronome sofre a interferência de outros fatores, tais como a saliência fônica, o gênero discursivo e a determinação dos referentes. Ao narrar um acontecimento, o falante faz referência a um evento passado (marcado temporal e cronologicamente) e determina as pessoas envolvidas na ação narrada, o que favorece o uso do pronome *nós*. Por outro lado, quando o falante descreve ações habituais ou frequentes, tende a não marcar temporariamente o seu discurso, nem determina os agentes envolvidos na narrativa, o que ocasiona o emprego mais frequente da forma *a gente*.

Neste estudo, controlamos os seguintes tempos verbais e formas nominais: a) Presente do Indicativo; b) Pretérito Imperfeito do Indicativo; c) Pretérito Perfeito do Indicativo; d) Futuro do Presente do Indicativo; e) Futuro do Pretérito do Indicativo; f) Presente do Subjuntivo; g) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; h) Futuro do Subjuntivo; i) Gerúndio e j) Infinitivo.

Após a primeira rodada dos dados, constatamos nocautes nos tempos verbais e formas nominais *futuro do presente do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo* e *gerúndio*, em que 100% das ocorrências (apenas 1 ocorrência para cada fator) se aplicaram à forma *a gente*. Os tempos verbais *futuro do pretérito do indicativo* e *futuro do subjuntivo* não foram considerados na análise, visto que não apresentaram nenhum dado em nossa amostra. Dado o baixo número de ocorrências, excluimos os fatores com nocautes e realizamos uma nova rodada de quantificação para identificar a frequência de uso e os pesos

relativos dos dados. Após a exclusão desses dados, restaram apenas três tempos verbais e uma forma nominal: *presente do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo*, *pretérito perfeito e infinitivo*. Como o GoldVarb X não selecionou a variável *tempo verbal/ formas nominais* como fator favorecedor à aplicação da regra, apresentamos aqui apenas os resultados em percentuais de uso.

Na rodada sem os nocautes, os tempos *presente*, *pretérito imperfeito* e *perfeito* do indicativo apareceram com maior frequência, o que se explica pelo fato de o entrevistado, durante a entrevista, narrar experiências pessoais e projetar as ações para o passado. Conforme a Tabela 4, os maiores percentuais de uso da forma *a gente* em nossa amostra ocorreram com o *presente do indicativo* (79,2%), o *infinitivo* (66,7%) e o *pretérito imperfeito do indicativo* (65,1%). Já o *pretérito perfeito* do indicativo (56,1%) favoreceu o pronome antigo *nós*. A tabela abaixo sintetiza os resultados encontrados na amostra no que se refere ao tempo verbal:

Tabela 4 – Frequência de *nós* e *a gente* em função do tempo verbal/formas nominais

| Tempo verbal/ formas nominais  | A gente          |      | Nós              |      |
|--------------------------------|------------------|------|------------------|------|
|                                | Nº de oc./ Total | %    | Nº de oc./ Total | %    |
| Presente do Indicativo         | 137/173          | 79,2 | 36/173           | 20,8 |
| Pret. Imperfeito do Indicativo | 28/43            | 65,1 | 15/43            | 34,9 |
| Pret. Perfeito do Indicativo   | 25/57            | 43,9 | 32/57            | 56,1 |
| Infinitivo                     | 10/15            | 66,7 | 5/15             | 33,3 |

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Omena (1996), o pretérito imperfeito, o presente, o gerúndio e o infinitivo favorecem o uso de *a gente*, enquanto que o futuro e o pretérito perfeito favorecem a presença do pronome canônico *nós*. Os índices de frequência encontrados em nossa amostra para os tempos verbais/formas nominais *presente*, *pretérito imperfeito*, *pretérito perfeito* e *infinitivo* corroboram os resultados do estudo de Omena (1996) sobre a variação *nós* e *a gente* na fala de informantes cariocas de baixa escolaridade e os de outras pesquisas acerca do fenômeno de variação *nós* e *a gente*. Os resultados obtidos também confirmam a nossa hipótese para a atuação dos tempos verbais e formas nominais na escolha das variantes, pois postulamos que o *presente* e o *pretérito imperfeito* favoreceriam o uso da forma inovadora *a gente*, ao passo que o pretérito perfeito seria favorável à variante padrão *nós*.

Resultados semelhantes aos nossos foram encontrados por Araújo (2016) na análise do tempo verbal na rodada com dados de *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas.

Para a análise da variável *tempo verbal*, o autor realizou a exclusão dos tempos verbais considerados pouco relevantes para a análise devido ao número baixo de ocorrências, restando apenas três tempos verbais: *pretérito imperfeito do indicativo*, *presente do indicativo* e *pretérito perfeito do indicativo*. Na amostra de Araújo (2016) sobre a fala urbana de Fortaleza (início dos anos 2000), os tempos verbais *pretérito imperfeito* (.541) e *presente* (.507) mostraram-se favoráveis ao uso da variante inovadora *a gente*, assemelhando-se aos nossos resultados. Já o *pretérito perfeito do indicativo*, com peso relativo de .382 para *a gente*, mostrou-se favorável ao emprego do pronome *nós*, assim como em nossos resultados.

Esses resultados confirmam a conclusão de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), para dados de fala de Vitória (capital do Espírito Santo, Sudeste) e da Baixada Cuiabana (estado do Mato Grosso, região Centro-Oeste) de que o *-mos* configura preferencialmente marca de pretérito perfeito, bem como confirmam a entrada do *a gente* sem *-mos* pelo imperfeito do indicativo (*a gente cantava/nós cantávamos*), refletindo a tendência natural da prosódia do português brasileiro de evitar construções proparoxítonas.

#### **4.2.4 Posição do sujeito em relação ao verbo**

Muitos estudos sociolinguísticos variacionistas (LEMLE; NARO, 1977; LIRA, 1986; MONGUILHOTT, 2001; ARAÚJO, 2014) têm demonstrado que a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* favorece a presença de marcas de concordância verbal: a posição do sujeito mais à esquerda e mais próximo do verbo influencia bastante a realização da concordância verbal. Por outro lado, a posição à direita e o distanciamento do sujeito em relação ao verbo inibem a aplicação da regra de concordância, independentemente do grau de escolaridade do falante.

O presente estudo tem por finalidade focalizar apenas a posição do sujeito em relação ao verbo, sem considerar como a disposição dos constituintes na oração pode afetar o mecanismo de concordância verbal. O mesmo procedimento foi adotado por Borges (2004), que estudou a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro a partir da fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos e de sessenta entrevistas de indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas.

Ao analisar a variável *posição do sujeito na frase*, Borges (2004) assinala que há uma preferência para a ocorrência de sujeitos pronominais no português brasileiro, com o uso mais expressivo de *a gente* em relação ao pronome *nós*, o que justificaria a importância de se observar a posição da forma pronominal *a gente* na frase. Dito isso, o autor parte da hipótese

de que, na fala, o sujeito anteposto ao verbo é mais frequente, tanto em posição imediatamente anteposta ao verbo quanto com a presença de clítico intercalado entre sujeito e verbo.

Em seu estudo, Borges (2004, p. 146) defende a hipótese de que “o uso de *a gente* é mais frequente em sujeitos antepostos ao verbo, em posição adjacente imediata à esquerda ou com clítico intercalado”. Os resultados da análise de Borges (2004) mostraram que o uso de *a gente* foi mais favorecido nos contextos em que há elementos intercalados entre o sujeito e o verbo, seja esse elemento interveniente um clítico ou uma sequência de palavras, com peso relativo de .76.

Em nossa análise, foram considerados três fatores para avaliar o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao verbo na mesma frase:

- a) *Sujeito imediatamente anteposto ao verbo (um após o outro)*
- b) *Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes*
- c) *Sujeito posposto ao verbo*

Faz-se necessário destacar que não foram encontradas, na amostra em estudo, ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição posposta ao verbo. Além disso, salientamos que a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* não foi selecionada pelo programa estatístico.

Vejamos na tabela, abaixo, os resultados de nossa amostra para a variável *posição do sujeito em relação ao verbo*.

Tabela 5 – O uso de *nós* e *a gente* e a *posição do sujeito em relação ao verbo*

| Fatores  | A gente          |      | Nós              |      |
|--|------------------|------|------------------|------|
|  | Nº de oc./ Total | %    | Nº de oc./ Total | %    |
| Sujeito imediatamente anteposto ao verbo (um após o outro)             | 163/233          | 70   | 70/233           | 30   |
| Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes | 37/55            | 67,3 | 18/55            | 32,7 |
| Total  | 200/288          | 69,4 | 88/288           | 30,6 |

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados obtidos na amostra do *corpus* DSC confirmam a nossa hipótese de que as formas de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, tendem a ser mais frequentes na posição anteposta ao verbo, seguindo, dessa forma, a tendência canônica da língua

portuguesa. Os resultados também corroboram a hipótese de Borges (2004) de que o uso de *a gente* é mais frequente em sujeitos antepostos ao verbo, tanto em posição adjacente imediata à esquerda quanto com clítico intercalado.

A análise de nossos dados aponta um maior favorecimento da forma *a gente* em contextos de sujeito imediatamente anteposto ao verbo (um após o outro), com 163 ocorrências de um total de 233 dados (70%), enquanto a forma *nós* apresentou frequência de 30% (70 ocorrências de um total de 233 dados) nesse tipo de contexto.

Ao contrário dos resultados de nosso estudo, a pesquisa de Araújo (2016), com dados de Fortaleza dos anos 2000, revelou que a forma inovadora *a gente*, na função de sujeito, é favorecida em contextos em que aparece após o verbo, com peso relativo de .825, enquanto o fator *antes do verbo* desfavorece a aplicação da regra (.486), embora, em número de ocorrências, *a gente* seja mais frequente na posição anterior ao verbo do que em contextos posteriores ao verbo.

### 4.3 As variáveis sociais

As variáveis sociais investigadas neste trabalho são *sexo* (masculino e feminino) e duas *faixas etárias* (10 a 19 anos e 20 a 42 anos), as quais serão especificadas a seguir.

#### 4.3.1 A variável *sexo*

Diversos estudos sociolinguísticos variacionistas (LOPES, 1993; SILVA, 2004; BORGES, 2004; NASCIMENTO, 2013; SANTOS, 2014, entre outros) já evidenciaram a importância do controle da variável *sexo*, haja vista a necessidade de se analisar a relação existente entre o uso de variantes e os diferentes papéis sociais que tanto homens como mulheres desempenham em suas comunidades (FREITAG, 2015). Nossa hipótese em relação à variável *sexo* é a de que os resultados desta pesquisa confirmem tendências apontadas nos estudos de Lopes (1993), Silva (2004), Nascimento (2013) e Santos (2014), em que o uso da variante *a gente* é mais frequente entre os falantes do sexo feminino do que entre os homens.

Como dissemos anteriormente, o *sexo* foi selecionado como a segunda variável estatisticamente significativa pelo GoldVarb X. Os resultados da tabela abaixo contrariam a nossa hipótese de que o uso da forma *a gente* tenderia a ser mais frequente entre as mulheres e revelaram que os informantes do sexo masculino inclinam-se mais ao uso da variante inovadora *a gente* (.666), enquanto as mulheres preferem a forma canônica *nós* (.375 para a

expressão *a gente*), demonstrando serem mais conservadoras que os homens em relação à aplicação da regra variável. A Tabela 6, abaixo, destaca os resultados de nossa pesquisa quanto ao uso de *a gente* em função do *sexo*.

Tabela 6 – Uso de *a gente* em função do *sexo*

Nível de significância: .010

| <b>Sexo</b> | <b>Nº de oc./ Total</b> | <b>%</b> | <b>P.R.</b> |
|-------------|-------------------------|----------|-------------|
| Masculino   | 108/122                 | 88,5     | .666        |
| Feminino    | 92/166                  | 55,4     | .375        |
| Total       | 200/288                 | 69,4     | -           |

Fonte: elaborada pela autora.

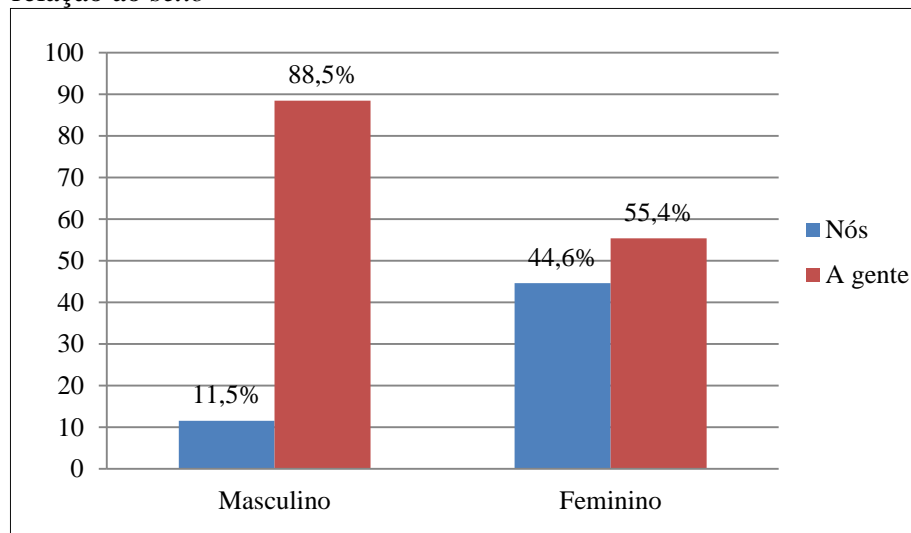
Levando-se em consideração os dois princípios básicos da hipótese clássica de Labov (1990) sobre o papel do gênero em fenômenos linguísticos variáveis, os resultados ora apresentados podem ser tomados como indício de que se estaria diante de um fenômeno de variação estável. Segundo o autor, em situações de variação estável, os homens usam com mais frequência as formas não padrão do que as mulheres. Por outro lado, as mulheres, na maioria dos casos de mudança linguística, usam com mais frequência as formas inovadoras do que os homens, sendo líderes da mudança. Tem-se em nossos resultados uma confirmação do princípio I: em situações de variação estável, os homens usam com maior frequência as variantes não padrão e as mulheres tendem a preferir as formas prestigiadas.

Cabe assinalar que estamos trabalhando com um baixo número de dados (288 ocorrências), o que não nos permite uma conclusão mais assertiva sobre o andamento do processo de variação e mudança. Há de se considerar, ainda, o maior número de dados para os homens da forma *a gente* em relação às mulheres de nossa amostra, o que pode estar interferindo nos resultados obtidos. Reconhecemos a complexidade da categoria de gênero nos fenômenos linguísticos e colocamos em evidência a necessidade de se aprofundar a análise em busca do entendimento do papel do gênero nos processos de variação e de mudança na língua, levando-se em conta, por exemplo, a comunidade de fala estudada.

Em se tratando da variável *sexo*, resultado semelhante ao nosso pode ser encontrado no estudo de Franceschini (2009), que trata do uso das formas pronominais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em Concórdia - Santa Catarina. Para analisar a variação *nós* e *a gente*, a autora utilizou uma amostra constituída de 12 entrevistas de 40/45 minutos, distribuídas por faixa etária, sexo e escolaridade. Os dados obtidos pela pesquisadora mostraram uma tendência maior ao uso de *a gente* pelos homens (.60), ao passo que as

mulheres favoreceram a variante *nós* (.60). Essa preferência dos homens pela forma pronominal *a gente* é nitidamente percebida também em nosso estudo, como pode ser observado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Percentual de ocorrência dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao *sexo*



Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa de Franceschini (2009) mostrou que, no *corpus* analisado, o sexo masculino apresentou um maior uso do pronome *a gente*, o que, segundo a autora, parece indicar que são os homens que estão impulsionando a mudança, diferentemente do observado nos resultados de Borges (2004) e Seara (2000), que apontam um maior favorecimento no uso da forma *a gente* pelas mulheres. Com o intuito de averiguar se os falantes mais jovens dos dois sexos estão efetivamente favorecendo a mudança, Franceschini (2009) efetuou o cruzamento das variáveis sexo e faixa etária para o uso da forma *a gente*. Segundo a autora:

A interação entre faixa etária e sexo indica que a aplicação de *a gente* aumenta progressivamente, conforme diminui a faixa etária dos informantes, independente do sexo. Esse fato demonstra a força da mudança nas faixas etárias mais jovens. Entretanto, observa-se que a mudança é mais favorecida pelos homens, pois o aumento no uso do pronome inovador *a gente* entre os mais velhos e os mais novos é de 24% (passa de 38% para 62%), enquanto esse aumento no sexo feminino é de apenas 10% (de 45% para 55%). (FRANCESCHINI, 2009, p. 7-8).

Quanto à variável *sexo* em nossa amostra, há que se considerar uma correlação entre sexo e outros fatores que podem revelar-se significativos no estudo da variação das formas *nós* e *a gente*, além de se levar em conta o papel do homem e da mulher na organização social da comunidade em que estão inseridos. Acerca desse assunto, Paiva (2004) destaca a importância do cruzamento entre a variável sexo com outras variáveis

independentes, como a faixa etária e a escolaridade.

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. (PAIVA, 2004, p. 35).

Isso significa que o estudo da influência das variáveis sociais sobre determinado fenômeno linguístico deve considerar outros aspectos sociais que também atuam no padrão linguístico verificado na comunidade de fala estudada, os quais podem revelar-se como significativos no estudo da variação linguística.

Como em nossos resultados se observou que a variável *sexo* favorece a variante inovadora na fala masculina, resolvemos fazer o cruzamento entre as variáveis *sexo* e *faixa etária*, com o intuito de analisar a atuação de ambas sobre a forma *a gente*.

Tabela 7 – Cruzamento dos grupos de fatores *sexo* e *faixa etária* no uso variável da forma *a gente*

| Fatores                           | Feminino           |     | Masculino          |     |
|-----------------------------------|--------------------|-----|--------------------|-----|
|                                   | Ocorrências/ Total | %   | Ocorrências/ Total | %   |
| Faixa etária I<br>(10 a 19 anos)  | 35/47              | 74% | 30/38              | 79% |
| Faixa etária II<br>(20 a 42 anos) | 57/119             | 48% | 78/84              | 93% |
| Total                             | 92/166             | 55% | 108/122            | 89% |

Fonte: dados da pesquisa.

A partir dos resultados do cruzamento entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* aplicados ao uso de *a gente*, é possível observar que a frequência da forma *a gente* é alta nas duas faixas etárias do sexo masculino (FI – 79%; FII – 93%), alcançando um percentual maior na faixa etária II, com falantes entre 20 e 42 anos de idade. Quanto ao sexo feminino, o emprego de *a gente* na faixa etária mais jovem é praticamente o mesmo da faixa etária I do sexo masculino, com percentual de 74% de aplicação para o uso da forma inovadora. Já na faixa etária II, o uso de *a gente* foi desfavorecido pelas mulheres, com percentual de uso de 48%. Os percentuais para as duas faixas etárias demonstram que os homens da faixa etária II (93%) estão à frente da mudança nos dados de nossa amostra.

Os dados da tabela acima são inquietantes e nos mostram de forma bastante evidente o duplo papel do gênero nas pesquisas sociolinguísticas que focalizam a variação dos pronomes *nós* e *a gente*, como os estudos de Lopes (1993), Silva (2004), Franceschini (2009), Nascimento (2013), Santos (2014), Araújo (2016), entre outros.



Labov (2001) discute o papel do gênero nos processos de variação e mudança linguística, o que o linguista chamou de *paradoxo do gênero*. Conforme o tipo de mudança, as mulheres desempenham um papel diferente nos fenômenos linguísticos variáveis. Segundo o autor, “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293 *apud* SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 123). Em processos de variação estável, as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio do que os homens, apresentando comportamento conservador. Por outro lado, nos processos de mudança linguística ocorreria o processo inverso, uma vez que as mulheres adotam formas inovadoras com frequência maior do que os homens, apresentando-se como inovadoras.

Diante do comportamento duplo de homens e mulheres nos processos de variação linguística, Labov (1990) pondera que o comportamento linguístico que homens e mulheres apresentam nas diversas segmentações da sociedade não é uniforme, uma vez que há de se considerar a correlação entre o sexo e outras categorias sociais através de uma análise multivariada. Assim, entendemos que essa análise deve partir da realidade de que a sociedade muda e, como tal, deve-se considerar na análise linguística o papel dinâmico desempenhado por homens e mulheres em cada camada social.

Por ora, somente introduzimos neste estudo a discussão em torno da relação entre gênero e mudança linguística, sem maiores aprofundamentos. Pretendemos aprofundar a discussão em torno da influência do sexo do falante nos processos de variação e mudança linguística em trabalhos posteriores. Para tanto, precisamos ainda dispor de uma metodologia mais adequada para tal estudo.

#### **4.3.2 A variável faixa etária**

Em estudos variacionistas, a variável *faixa etária* desempenha um papel importante, já que permite indicar o andamento de um fenômeno linguístico, ou seja, se configura um processo de variação ou mudança linguística em progresso. Os resultados para a variável *faixa etária*, na amostra do *corpus* DSC, confirmam a nossa hipótese de que a forma inovadora *a gente* é mais favorecida na faixa etária mais jovem, apresentando maior percentual de uso, conforme comprovaram os resultados de Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002), Borges (2004) e Araújo (2016).

Na Tabela 8 e no Gráfico 6, apresentamos os valores obtidos na rodada geral dos

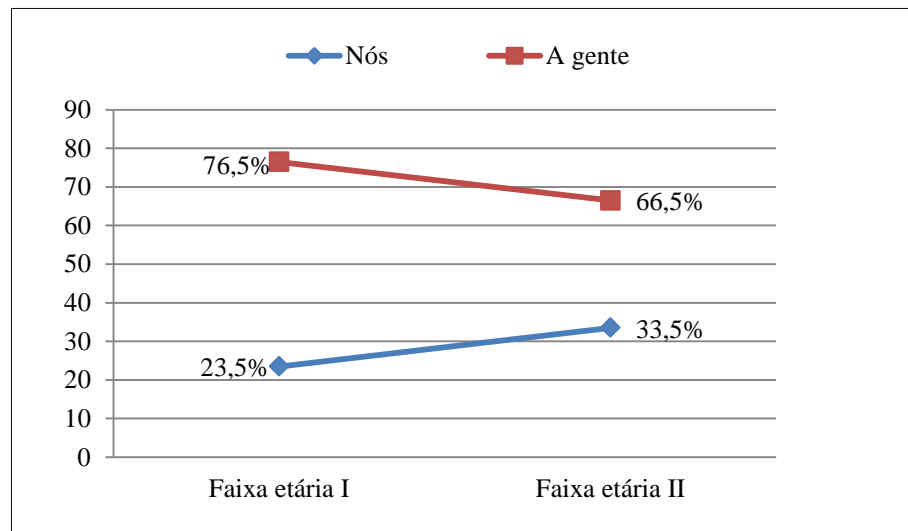
nossos dados para a variável *faixa etária* apenas em percentuais, já que não foi selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante.

Tabela 8 – Frequência de uso de *nós* e *a gente*: faixa etária

| Grupo de fatores                  | Nós              |      | A gente          |      |
|-----------------------------------|------------------|------|------------------|------|
|                                   | Nº de oc./ Total | %    | Nº de oc./ Total | %    |
| Faixa etária I<br>(10 a 19 anos)  | 20/85            | 23,5 | 65/85            | 76,5 |
| Faixa etária II<br>(20 a 42 anos) | 68/203           | 33,5 | 135/203          | 66,5 |
| Total                             | 88/288           | 30,6 | 200/288          | 69,4 |

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 6 – Frequência de uso das formas *nós* e *a gente* em relação à *faixa etária*



Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos nossos dados revela que a faixa etária I (10 a 19 anos) apresenta um maior uso da forma *a gente* (76,5%). Pode-se observar ainda o mesmo comportamento na faixa etária II (20 a 42 anos), que usa mais a forma *a gente* (66,5%) do que o pronome *nós* (33,5%). Apesar do número reduzido de ocorrências de nossa amostra, esses resultados indicam um favorecimento da forma *a gente* nas duas faixas etárias. Observa-se que a diferença percentual de preferência por *nós* e *a gente* entre as duas faixas etárias mostra-se muito próxima: na faixa etária I, 76,5% de registros de *a gente* contra 66,5% de ocorrências da mesma variável na faixa II. Tentando entender esses resultados, uma possível explicação seria que a faixa etária II contempla falantes ainda jovens, daí a maior frequência de uso da forma *a gente*. Por sua vez, o pronome *nós*, na faixa etária I, apresenta 23,5% dos dados contra 33,5% de usos na faixa etária II.

Conforme assinala Freitag (2005), por ser a variável *faixa etária* bastante complexa, os resultados obtidos na correlação entre as faixas etárias devem ser analisados com bastante cuidado, com o propósito de evitar generalizações sobre o andamento do processo de variação e mudança. Segundo a autora:

Estudos variacionistas costumam atribuir grande importância aos resultados obtidos pela correlação entre o fenômeno em análise e a faixa etária dos falantes, pois tais resultados podem referendar generalizações sobre o andamento do processo de variação e mudança. Proponho uma reflexão sobre o que significa a variável sociolinguística rotulada “faixa etária”, argumentando que a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois à ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização. Os resultados obtidos na correlação entre as faixas etárias devem ser analisados com maior cuidado, pois nem todo indício de mudança em curso apresentado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente da gradação etária dos falantes que constituem a amostra do estudo. (FREITAG, 2005, p. 106).

Dada a proximidade de preferência pelos pronomes *nós* e *a gente* nas duas faixas etárias, os resultados não nos permitem afirmar categoricamente que há uma mudança em curso em direção à substituição de *nós* por *a gente* em nossos dados da comunidade de fala de Fortaleza em uma sincronia dos anos 1980. No entanto, como já dito, embora os índices encontrados em nossa amostra possam ser resultado da base quantitativamente limitada de dados (288 ocorrências) com que trabalhamos, os resultados de nossa análise nos oferecem indícios de uma mudança em progresso, pois apontam os falantes mais jovens como favorecedores do uso da forma inovadora *a gente*, com 76,5% de frequência de uso (cf. Gráfico 6), pois, segundo Labov (1994), conforme citado por Lopes (2003), os resultados baseados em uma pequena quantidade de ocorrências podem não ter relevância estatística, mas valem como indícios para hipóteses a serem confirmadas.

Já os resultados de Araújo (2016) com dados de Fortaleza em uma sincronia dos anos 2000 na análise da atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente* na função de sujeito se assemelham aos nossos resultados. Araújo (2016) verificou que os informantes na faixa etária mais jovem (15 a 25 anos) favorecem mais o uso da variante inovadora em oposição à forma *nós*, com peso relativo de .705, resultado que vai ao encontro da tendência geral apontada por estudos variacionistas sobre o fenômeno em estudo de que os mais jovens apresentam uma maior probabilidade de uso da forma *a gente*, como se pode ver nos resultados do estudo de Lopes (1993). Em se tratando dos falantes de faixa etária intermediária – 26 a 49 anos – e os mais velhos – a partir de 50 anos –, observa-se no estudo do autor um favorecimento da forma *nós*, com pesos relativos para a forma *a gente* de .356 e .488, respectivamente.

No estudo de Carvalho, Favacho e Freitas (2020) com dados da fala culta de Fortaleza dos anos 1990, nota-se a mesma tendência verificada em nossos resultados e nos achados da pesquisa de Araújo (2016) no que tange à atuação da faixa etária no uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito, indicando que a forma inovadora *a gente* é favorecida pela faixa etária I (22 – 35 anos), com peso relativo de .828, e desfavorecida pelos falantes das faixas etárias de 36 a 55 anos (.468) e com mais de 55 anos (.296). Em seus resultados foram os falantes da faixa etária mais jovem que apresentaram uma maior tendência para o uso de *a gente*, mostrando que são os mais jovens que estão impulsionando a mudança linguística em favor da forma inovadora *a gente*.

A análise comparação dos resultados de nossa amostra com os resultados do estudo de Araújo (2016) e os de Carvalho, Favacho e Freitas (2020) apontam para a mesma direção: falantes mais jovens de Fortaleza tendem a apresentar um maior uso da forma *a gente* nos anos 1980, 1990 e 2000.

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo objetivou analisar o processo de variação e mudança a partir da alternância no uso dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, na posição de sujeito explícito no falar de Fortaleza em uma sincronia dos anos 1980, a fim de investigar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos no condicionamento da variação dessas formas pronominais. Tal análise nos revelou informações importantes a respeito das principais tendências associadas ao uso de *nós* e *a gente* no falar popular dos fortalezenses.

Para a análise da variação *nós* e *a gente*, consideradas como variantes dependentes, foram selecionados pelo GoldVarb X três grupos de fatores, sendo dois linguísticos e um extralinguístico. As variáveis independentes *tempo verbal/formas nominais*, *posição do sujeito em relação ao verbo* e *faixa etária* não foram selecionadas. Como as variáveis *determinação do referente*, *paralelismo formal* e *sexo* foram as únicas selecionadas como estatisticamente significativas pelo programa estatístico, a análise apresentou, para as demais variáveis, apenas os valores em percentuais de uso.

A análise geral dos resultados obtidos revelou que a forma canônica *nós* coexiste com a forma recente *a gente* no falar de Fortaleza. Assim, foi confirmada nossa hipótese inicial de que existe variação das formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, na função de sujeito explícito em nossa amostra, influenciada por condicionamentos linguísticos e sociais, cujas evidências apontam para uma maior utilização de *a gente* (69,4%) em detrimento de *nós* (30,6%).

O grupo de fatores linguísticos *determinação do referente* demonstrou ser um fator relevante para explicar a alternância *nós* e *a gente* no falar de Fortaleza, sendo a primeira variável selecionada como estatisticamente significativa pelo GoldVarb X. Os resultados indicaram um expressivo uso de *a gente* no contexto de referência centrada no próprio falante, com traço [+/- específico] e indicando a primeira pessoa do discurso *eu* (.862). Os resultados em pesos relativos atribuídos ao fator *indeterminação universal* (.574) associados aos do fator *indeterminação circunscrita* (.323), ambos de caráter genérico e [- específico], permitiram-nos constatar que a referência genérica favorece o uso de *a gente*, apresentando a mesma tendência já atestada nos resultados dos estudos de Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002), Borges (2004), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Araújo (2016), uma vez que, em todas essas pesquisas, é nítida a preferência da forma *a gente*, em relação a *nós*, em contextos de referência genérica, indeterminada. Como esperávamos, a referência específica desfavoreceu o uso de *a gente*, com peso relativo de .209. Dessa forma, a nossa hipótese de

que a forma *a gente* tende a ser mais usada pelo falante para uma referência mais genérica e indeterminada foi confirmada em nossos dados.

Com relação à variável *paralelismo formal*, variável selecionada em terceiro lugar pelo GoldVarb X, a análise de *a gente* nos 288 dados de nosso *corpus* sugere que o uso dessa variante é maior quando o antecedente formal for *a gente*, independente do referente, com peso relativo de .715, fato esse corroborado pelo estudo de Omena (1996), cuja probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior.

A análise relativa à variável *tempos verbais/formas nominais*, embora não tendo sido selecionada na variação *nós* e *a gente*, revelou que o *presente*, o *pretérito imperfeito* e o *infinitivo* favoreceram a variante inovadora *a gente*, ao passo que o *pretérito perfeito* apresentou-se mais favorável à variante padrão *nós*. Os resultados obtidos confirmaram a nossa hipótese de que o presente e o pretérito imperfeito favoreceriam o uso da forma inovadora *a gente*, enquanto o pretérito perfeito seria favorável à variante padrão *nós*.

O grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* não foi selecionado como relevante. Mesmo assim, a partir dos resultados encontrados, constatamos que o uso de *a gente* é mais frequente em sujeitos imediatamente antepostos ao verbo (um após o outro), resultado esse que confirma a nossa hipótese de que as formas de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, tendem a ser mais frequentes na posição anteposta ao verbo, seguindo, dessa forma, a tendência canônica da língua portuguesa. Quanto ao fator *sujeito posposto ao verbo*, não foram encontradas ocorrências nesse contexto na amostra analisada. Cabe destacar que foi foco da análise aqui proposta somente a posição do sujeito em relação ao verbo, desconsiderando a análise da aplicação da regra de concordância verbal.

No tocante às variáveis sociais, os resultados de nossa análise em pesos relativos para a variável *sexo* evidenciam que o uso de *a gente* é favorecido pelos falantes do sexo masculino (.666), contrariando, pois, nossa hipótese de que as mulheres utilizariam mais a forma *a gente* do que os homens. Pelo contrário, em nossos dados as mulheres usam com mais frequência a forma antiga *nós* (.375 para *a gente*). Esses valores podem sugerir que o fenômeno que estamos analisando constitui um caso de variação estável, já que, segundo Labov (1990), em situação de variação estável as mulheres são mais conservadoras do que os homens e estes, por sua vez, utilizam mais as formas inovadoras do que as mulheres.

Os resultados de nossa análise relativos à variável *faixa etária* mostraram que o uso de *a gente* está presente em todas as faixas etárias, todavia, é predominante na faixa etária mais jovem (faixa etária I), com frequência de uso de 76,5%. Observa-se, em nossos dados,

uma pequena diferença de uso de *a gente* entre a faixa etária I e a faixa etária II: na faixa etária I, 76,5% de ocorrências de *a gente* contra 66,5% de casos da mesma variável na faixa II, apresentando uma diferença de 10 pontos percentuais no uso dessa forma linguística. Por outro lado, as ocorrências do pronome *nós* apresentam a mesma diferença percentual entre as duas faixas etárias: na faixa etária I, apresenta 23,5% dos dados contra 33,5% de usos na faixa etária II.

A análise do uso variável de *nós* e *a gente* no falar popular de Fortaleza nos permitiu chegar a algumas respostas, levando em consideração os aspectos linguísticos e sociais aqui analisados, tendo sido ou não considerados como relevantes na variação desses pronomes. Os resultados da análise de nossos dados sugerem ainda que outros fatores de natureza discursiva, sintática ou psicológica possam estar atuando na escolha das formas alternantes a serem utilizadas pelos falantes dessa comunidade de fala.

Cabe ressaltar que reconhecemos as limitações do presente estudo devido, em parte, à quantidade pequena de informantes e ao número reduzido de dados de nossa amostra. Estudos futuros poderão utilizar outros *corpora* e aprofundar as discussões em torno das variáveis linguísticas e sociais que se mostraram relevantes nesta pesquisa, além de acrescentar outras variáveis que poderão suscitar novas descobertas sobre o comportamento linguístico variável de *nós* e *a gente* no falar de Fortaleza.

Em suma, neste estudo tecemos algumas generalizações sobre o comportamento do *nós* e *a gente*, contudo, sem que sejam tomadas como um resultado conclusivo e, sim, como possíveis direcionamentos para futuras discussões em torno da temática. Apesar disso, esperamos, pois, ter conseguido contribuir para a descrição do uso variável das variantes *nós* e *a gente* no português falado no Brasil e, notadamente, no Ceará.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SOARES, Maria Elias. (org.). **A linguagem falada em Fortaleza**: diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84197>. Acesso em: 26 abr. 2018.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba**: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27830>. Acesso em: 17 out. 2019.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BORGES, Paulo Ricardo Silveira. **A gramaticalização de a gente no Português Brasileiro**: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4003/000406585.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: [http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06\\_12\\_2011\\_8.51.30.0de6e1327480756207f db0afaa87a66f.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_8.51.30.0de6e1327480756207f db0afaa87a66f.pdf). Acesso em: 04 abr. 2020.
- CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima. O uso variável das formas *nós/a gente* no Português Brasileiro: a fala de Fortaleza em cena. **Relatório PIBIC 2018/2019**. Fortaleza: UFC, 2019. Não publicado.
- CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos *nós* e *a gente*: a fala culta de Fortaleza em cena. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. ISSN 2317-3475. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29213>. Acesso em 24 jul. 2020.
- ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian. **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.



FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FERNANDES, Eliene. Fenômeno variável: nós e a gente. *In: HORA, Dermeval (org.). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004. p. 149-162.

FERNANDES, Eulália; GORSKI, Edair. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *In: Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, p. 175-183, 1986.

FISCHER, John. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, v. 14, p. 47-56, 1958.

FRANCESCHINI, Lucelene. O uso dos pronomes pessoais *nós/ a gente* em Concórdia – SC. **Anais do SILEL**, v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt\\_lg06\\_artigo\\_9.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg06_artigo_9.pdf). Acesso em 11 out. 2019.

FRANCESCHINI, Lucelene. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/32629>. Acesso em: 10 out. 2019.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *In: Línguas & Letras*, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005. ISSN 1517-7238. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875/740>. Acesso em: 16 set. 2019.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17- 74. ISBN: 978-85-8039-121-3. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/287/19654>. Acesso em: 04 mar. 2020.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. *In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em 01 jul. 2020.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. Competências básicas do português. **Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford**. Rio de Janeiro, 1977.

LIRA, Solange de Azambuja. Subject postposition. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 2 n. 1, p. 17-36, 1986.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA** [online]. 1998, vol. 14, n. 2, p. 405-422. ISSN 0102-4450. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>. Acesso em: 10 set. 2019.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v. 18, p. 174. ISBN: 84-8489-061-9.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728/7098>. Acesso em: 31 dez. 2019.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 457-469. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

LUCCHESI, Dante. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, 2012. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198/753>. Acesso em: 16 out. 2019.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13064/1/2013\\_ShirleyElianyRochaMattos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13064/1/2013_ShirleyElianyRochaMattos.pdf). Acesso em: 18 out. 2019.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. Scientia 12 (Milan). (Reprinted: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965.

MENDES, Rute Paranhos Silva. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte do português popular no interior da Bahia. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28771/1/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20Rute%20Paranhos%20Silva%20Mendes.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. *Nós e a gente* na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. **Revista PERcursos Linguísticos**, vol. 2, n. 4, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>. Acesso em: 17 out. 2019.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? *In*: MOURA, M. D. (org.). **Anais do II Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita - ELFE**. UFAL, Maceió, p. 397-403, 1995.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente: um processo de gramaticalização. *In*: Estudos linguísticos. **XXV Anais dos Seminários do GEL**. Taubaté: UNITAU, p. 622-628, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80352>. Acesso em 09 out. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. **Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27654>. Acesso em: 26 abr. 2018.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In*: NARO, A. J. *et al.* **Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, p. 286-319, 1986.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 63-80, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rican Spanish: competing constraints on (s) deletion. *In*: LABOV, William (ed.). **Locating language in time and space**. New York: Academic Press, p. 55-67, 1980. Disponível em: <http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/pubs/articles/Poplack1980Plural.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

POSSENTI, Sírio. **Questões de linguagem**: um passeio gramatical dirigido. São Paulo: Parábola, 2011.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SANTOS, Kelly Carine dos. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2014. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/5714>. Acesso em: 10 out. 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993. ISSN 1678-460X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45584/30121>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. *In*: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2293/2242>. Acesso em: 10 out. 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony Julius. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Revista Estudos de linguística galega**. Volume especial I, p. 13-27, 2018. ISSN 1889-2566. Disponível em: <https://www.usc.gal/revistas/index.php/elg/article/view/3585/4946>. Acesso em 29 mar. 2020.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, 2000, p. 179-194. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/download/30203/18711>. Acesso em: 10 out. 2019.

SILVA, Ivanilde da. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?**: uma investigação sincrônica da variação entre *nós* e *a gente* como estratégias de designação referencial. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis, 2004. Disponível em:

<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87528>. Acesso em: 26 abr. 2018.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24549/D?sequence=1>. Acesso em: 26 abr. 2018.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente: Um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba - PR**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24120/TeseAndreaTamanine.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jun. 2019.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp020285.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2020.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes *nós* e *a gente*. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.